

O CABROCHA

*(Meu companheiro
de "farras")*

JOTA EFEGÊ

O CABROCHA

(Meu companheiro de "farras")

JOTA EFEGÊ

O CABROCHA

(Meu companheiro de "farras")

1931

CASA LEUZINGER

Lavradio,162 - RIO

FRANCISCONI
o acrobata do lapis
ilustrou

Aos meus AMIGOS

um voto “de caixão”
na urna da nossa amizade

A MINHA OPINIÃO

Li ligeiramente o seu livro, meu caro JOTA, e, francamente, achei-o deveras interessante, com bellos flagrantes, felicissimos, alegres, cheios de encantadora bregeirice.

“Cabrocha”, o homem da “fuzarca”, que em sua companhia atravessa as paginas destas chronicas da vida bohemia, é perfeitamente o carioca farrista, presente a todos os logares, como folião sem jaça. E’ o typo bem acabado do “cabra escovado”.

Onde haja um “arrasta-pé”, com cheiro de “comedorias e bebedorias”, eil-o presente, “com a morena a seu lado”.

Vê-se que houve muito cuidado de focalizar nitidamente os flagrantes, desprezando preambu-

[10]

los recheiados da monotonia de uma literatura massante e futurista...

Orestes Barbosa é assim - vae logo aos factos, pegando os gajos pela gola do casaco.

Não ha hoje quem se preocupe com o que se passa na interessantissima “roda média”, onde os “moços bonitos” da chamada “elite” mettem a cara, à “vontade do corpo”...

Eis a razão, porque o presente livro é opportunissimo.

*

**

Paulo Barreto, de saudosissima memoria, em “Religiões no Rio”, disse pouco, inventou muito, fugiu sempre á verdade e ridicularisou bastante.

O seu livro, amigo velho, aproxima-se muito da verdade foge por completo á vaidade do colorido e do estylo, com que tanto se preocupam os homens de letras... promissorias.

E’ ali no duro, no “pão da goiaba”, como se diz na gyria popular – e você JOTA, diz as coisas, com muita precisão e singeleza.

O Cabrocha é um livro de humorismo, para ler e rir, através de bellas chronicas, em que, não

[11]

raro, a malicia transparece subtilmente nas entrelinhas.

Está bem, está bem temperado de sal e pimenta.

*
**

Não sei o que destacar entre: O Cabrocha, No Bohemios de Botafogo, Na Flôr Tapuya, No Bar Cosmopolita, Kananga do Japão, Perfeita União, Turma do Ponto Chic, Festa de 2-Dois e Partida.

Todos elles são contos de uma graça esfuziante, são verdadeiros “films” que vão passando ante os nossos olhos, rapidamente e bem movimentados, como em “Bohemios de Botafogo” e “Festa de Dois-Dois”.

A proposito: Você, “seu JOTA”, deixou no olvido os “mocinhos”, que, sendo da sociedade alta, gostam da média (média e pão quente) vão invadindo os sambas, estão rentes nos “candomblés”, seduzem as morenas e abusam das creoulas...

Seria um capítulo bem interessante, mas, dando os nomes de todos, fossem elles filhos de A ou B e que também se dizem filhos de “Changô” e “Ochum”, ou do diabo que os carregue, porque

[12]

afinal, em verdade, não passam de concurrentes desleaes... do Cabrocha.

*
**

Li O Cabrocha e ri gostosamente.

.....
.....
Você, "seu" JOTA, fallou em – Prefacio!

Fazer Prefacio... eu?!

Com que roupa?

*O que deixo aqui é a minha despretençiosa opinião
sobre o seu bello livro, que, sem favor nenhum, é tão bom
quanto os melhores que no genero têm apparecido.*

Tenho dito.

VAGALUME.

[13]

APRESENTAÇÃO

O que se pretende desenvolver neste livro, embora pelo seu titulo não tal pareça, não são estudos de ethnologia ou anthropographia, nem mesmo siquer pequenas divagações sobre esas sciencias, mas simmples e humoristicas observancias de sociologia e psychologia.

Não vamos, como o mestre Diogenes, de candeia na dextra, escolher na especie um que seja o summario, que tenha em si todo o material para o nosso estudo. Não o procuramos, encontramol-o, encontral-o-eis, commumente, em nossas ruas, em meio do vae-vem da Ouvidor, no Largo de São Francisco, Galeria Cruzeiro e quejandas.

Bahiano, fluminense, pernambucano ou mineiro, nortista ou sulista, não vem ao caso o seu tor-

[14]

rão natal, porque sobre ser deste ou daquelle Estado, são espontanea e naturalmente cariocas pela gyria, em todo o *modus vivendi*.

Teem a alma tão branca quanto o heróe de Insúa, sem litteratura, despido de affloações syntheticas, mas abundando em phrases de gyria, tendo sempre um *mot de la fin* que prende e agrada, sem convenções ou ensenações hypocritas, tornando o seu interlocutor confiante.

Não chegam a ser um negro, um “colorado”, porque lhe faltam os traços característicos desta raça; teem a pelle escurecida por méras circumstancias de paternidade, em consequencia de cruzamentos, os quaes tiveram como precursor o almirante luso que nos achou, mas as suas feições são leves e bem traçadas, quiçá sympathicas.

E’ um desses “cabrochas” que vamos estudar, nas suas modalidades, atravez daquelles versos que fizeram successo entre nós:

“Esse crioulo é frajola,
Foi educado na escola,
Conhecedor do amor,
Muleque namorador.”

[15]

São episodios colhidos nas suas palestras, nos seus bailes, em seus *rendez-vous*, onde sempre fui acolhido facilmente, já pela minha côr mulata, como pelas innumeradas relações que fiz com os mesmos em “farras” e por effeito de observação.

Poucos me conhecerão; porém conheço-os a quasi todos, desde o Hilario, que hoje já deve recorrer ao Voronoff, pois

nota-se nelle o cansaço dos seus aureos tempos do carnavalesco que lançou entre nós o carnaval dos ranchos e ternos da Bahia – o *Rosa Branca*, que foi o inicio da sua popularidade, que permaneceu ainda no *Macaco é outro*, tendo como coadjuvante das suas victorias carnavalescas o Germano e o Capitão Guimarães, o conhecido “Vagalume” a quem tudo deve a chronica carnavalesca; o Oscar Maia, fundador do *Ameno Resedá*, o “capenga” que forma dando *handicap* a muita gente, até aos mais recentes como o Procopio Abedé, Epaminondas, Patricio, “D. Guiso”, Jatã, Bilú, Benedicto de Oliveira, “Seu Bem”, toda a “gente da orgia” que compõe a *Turma do Ponto Chic* e muitos outros.

E o nosso Cabrocha que aqui está, conviveu com elles, foi intimo, ou como elles diriam: “um do peito”, “um igual”.

[16]

Eil-o, pois, na vossa intimidade falando a seu modo, encantando pela simplicidade, em vossa presença, aguardando as tres de Molière para defrontar a platéa.

“Contra-regra, batei as tres pancadinhas,
Que vão começar as scenas do meu guignol”.

[17]

O CABROCHA

Era um sabbado. O sol encaminhando-se para o poente, mas ainda em sua plenitude de calor, engastado na limpidez do firmamento todo azul, despejava seus raios animando a cidade que vae e vem na lucta do pão de cada dia ou cousa que o valha.

Eu, apeando dum bonde no Largo de São Francisco, precisamente quando o relógio da matriz badalava cinco vezes, e a praça regorgitava de almofadinhas, que, atravez do sol, postados em fila, assistem, ávidos a passagem das meninas, das “bôas”, avaliando a plastica de cada uma, que o sol, “sob o manto diaphano da phantasia”, desnuda aos seus olhos.

[18]

A rua do Ouvidor parecia um vasto rio a desaguar no oceano as elegantes, que ao setimo dia veem para o *footing*, a feira da elegancia.

Caminhava em direitura á esta rua lançando os meus olhares ás filhas de Eva, que, num requebro gracil, confirmando aquella sentença dum philosopho barato: “as cadeiras são moveis e moveis”, lá se vão com o coração na bocca, quando ouço alguém que me chamava:

– O’ Jota!... O’ Jota!...

Olhei surpreso. Era o Leitão, um desses cabrochas populares, conhecidissimo nos suburbios da Central. O seu nome eu ignoro, como a maioria de todos os outros. E’ unicamente o Leitão... o Leitão...

Gosa de grande prestigio entre as cabrochas e as “roxinhas” do *Magno*, do *Elles te dão* e outros clubes dansantes da zona suburbana da Central.

Approximei-me, e elle naquella expansão que o caracteriza, encaminhou-me até o grupo onde se achava, alli em frente ao Café Java. Apresentou-me diversos “amiguinhos” que eu já conhecia e, entre elles, um que me impressionou pela sua familiariedade e conversação. O seu nome, tambem, não o guardei. Sempre fui pessimo registro de nomes.

[19]

Soube que era conhecido como o Cabrocha e bastava.

Os nomes proprios são como as casacas que só se usam em dias de festas. O appellido é o paletot sacco de todo dia.

Longe dos ensinamentos mathematicos de urbanidade que os compendios vulgares doutrinam, sem aquellas sobriedades convencionaes, que dizem ser requintes de educação, apertou-me a mão e effusivo:

– Já o conheço de vista, ha muito tempo. Este é da “fuzarca”. Elle costumava ir á casa do João Alabá!...

E era verdade, eu fôra algumas vezes assistir as funções do “candomblé” de João Alabá, na rua Barão de São Felix. Vi tambem na casa do popular “pae de santo” o “Vagalume”, o Oscar, e uma bahiana conhecida por D. Rosa, que se dizia prima do grande mestre.

Gostava muito daquelles ritos que alli tinham uma apresentação cuidada e faustosa, e creio mesmo que nenhum outro “candomblé” o iguale. A sua assistencia era numerosa e por vezes selecta. Muitos automoveis de placa dourada estacionavam nas proximidades aguardando os seus proprietarios, que participavam dos trabalhos.

[20]

Vi muitas melindrosas dos nossos *trottoirs* alli entrarem e, metamorphoseando-se em trajes de bahiana, ao som cadenciado dos tabaques, entoarem, sambando, os diversos “pontos” dos “santos” que baixavam:

“Sereá... Sereá... (*)
Sereá como nada no má,
Que guia uma, é dona do gongá”.

Quem as visse entoando com tanta unidade aquelles canticos da religião africana não seria capaz de acreditar que ellas mesmas estivessem, no dia seguinte no *Guanabara* ou no *Orfeão*, sendo disputadas para um tango.

Elle compreendeu essas minhas recordações, e, como que adivinhando o meu pensamento, falou:

– Aquillo é que era brincadeira. O resto que a gente vê por ahi é “bagunçada”. Alli a “nota” estava barata. “Tinha” comedorias até dizer chega, e da bôa.

– Mas eu nunca comi. Não gosto do azeite de dendê e como pouca pimenta.

(*) Compilado de “Mysterios da Mandinga”, de Francisco Guimarães – Critica, 13 de Janeiro de 1929.

[21]

– “Tem” muita gente que não come com medo. Mas eu tenho santo dos “bãos”. Sempre entrava nos mastigos e commigo nunca houve nada.

Ia retirar-me e, quando apresentava as minhas despedidas, interceptou-me:

– Vamos juntos. Tambem vou para a Avenida.

E descemos juntos.

Recordamos aquellas funcções e falando sobre bailes e “farras”, convidou-me para irmos naquella noite num baile em Botafogo.

–... Um “fandango” da ponta. Tem bôas cabrochas. Vae ver que menina bôa no “vira”...

[22]

[EM BRANCO]

[23]

NO “BOHEMIOS DE BOTAFOGO”

Devia encontrá-lo ás 10 horas da noite na Galeria Cruzeiro, e, com pontualidade inglesa, ás 9,60 elle chegára. Vinha de branco e sapatos amarelos, no peito um cravo vermelho. Logo que me avistou, foi exclamando:

– Assim é que eu gosto: Pontual. Mesmo em cima da “ficha”!...

– Hora marcada, é hora...

Perguntei-lhe qual o bonde que deveríamos tomar e soube que serviriam todos os que passassem na praia de Botafogo.:

– Só não serve o Aguas “Ferrêas”.

Sentámo-nos no electrico, onde já vinham algumas “roxinhas”, que elle me informou dizendo quaes as que tambem iam para o *Bohemios*, sendo

[24]

que algumas iam para o *Corbeille de Flores*, no Largo do Machado, e outras para o *Lyrío do Amor*, na rua São Clemente. Não permittiu que eu pagasse as passagens. Via-se em todos os seus actos a confiança, a vontade de agradar. E conseguia.

O bonde entrára na praia de Botafogo; então elle avisára-me que estava proximo. Era alli mesmo na praia, na esquina da rua São Clemente, o *Bohemios*.

Quando saltámos, as “roxinhas” tambem saltaram.

– Vamos tomar um “troço” para esquentar? Eu gosto de entrar no brinquedo, acceso.

Entrámos num Café proximo ao club, e Cabrocha pediu duas doses de vinho do Porto. Foi preciso grande insistencia para que me permitisse pagar a despeza.

Emquanto tomavamos o vinho, elle foi me dando conhecimento da sociedade recreativa onde iamos dansar.

– O *Bohemios* é este aqui da esquina, em cima da padaria. O nome da sociedade é *Sociedade Recreativa*

Familiar Bohemios de Botafogo, mas todo mundo “conhece ella” pelo appellido de “açougue de emergencia”.

[25]

Dei uma gargalhada ao ouvir pronunciar esta desinencia que traduzia algo de psychologia... Um “açougue”... Seria um açougue de carne humana para os anthropophagos da civilização hodierna?

– Não, não se ria. E’ verdade. Você pergunte a qualquer um que seja do “fandango”, para ver se não é isso.

– Não duvido... Essa denominação está certa. Certissima...

Levantámo-nos da mesa e dirigimo-nos ao “açougue”. A’ entrada havia um pequeno corredor, ao fundo do qual iniciava-se uma escada em dois lances. Estava tudo ornamentado de tiras de papel e algumas flôres naturaes e artificaes. Ao alto do primeiro lance da escadaria, no largo patamar donde começava a outra serie de degraus, encontrava-se uma mesinha, coberta com um panno de côr. Ahi, sentado, um mulato gordo, recebia os tres mil réis correspondentes ao preço do ingresso, entregando em troca uma senha.

Subimos e na chapelaria entregámos os chapéus, para cuja guarda pagava-se mais duzentos réis. Essa quota correspondia sómente ao chapéu, pois, se o ingressante trouxesse capa e bengala, pagaria mais duzentos réis por estes objectos.

[26]

O salão, comquanto não fosse de grandes dimensões, era de um tamanho regular, confinando com uma pequena saleta onde também se dansava; estava bem affluído. Numa heterogeneidade foliã, via-se desde a crioulinha *blasée*, sem elegancia, desalinhada, á mulatinha pernóstica de faces avermelhadas por um carmin berrante, cabelo engommado e subjugado por travessas e grampos, num *á la garçonne* forçado, mas exigido pela moda. Em meio dessas “cabrochas” e “roxinhas”, viam-se algumas moças brancas de apparencia sobria. São as meninas que não podem fazer um vestido de seda ou calçar sapatos de setim, para se apresentarem no *Fluminense* ou no *Flamengo* e que nestes clubes se divertem, ficando em evidencia por serem brancas.

Já um grande mestre de sociologia sentenciou que “a mulher não é indigna, quando pisa com um sapato de alto custo, farfalha as sedas que a cobre e offusca a moral com as pedrarias que a adornam”.

O que vale uma moça ter uma alma candida, ser um symbolo de pureza, sem um vestido de *charmeuse*? A sociedade não a recebe, porque vê muito pela superficie.

Estava eu neste soliloquio, tão do agrado das minhas idéas revolucionarias, no meu mysanthro-

[27]

pismo, quando Cabrocha, batendo-me no hombro, convidou-me a dansar:

– O que é isso, Jota? Você não dança? Este sambinha é daquelles!...

– Deixe-me apreciar um pouco as meninas. Depois que começar, vou mesmo.

– Está direito.

Encaminhou-se para uma mulatinha de collo farto, convidou-a e, apertando-a contra o seu busto, participou da contra-dansa.

Era de se ver, enquanto a *jazz* atacava violentamente o samba, tão de agrado do nosso povo, aquelles pares, muito apertados, em requebros musicados, esbarrando-se uns contra os outros, alegrando-se da vida que elles, certamente, a teriam muito justa, apertada mesmo.

Os musicos, alheios áquella porção de dansarinos que animavam, punham toda a sua alma na melodia puramente brasileira, que os seus instrumentos interpretavam:

“Tira o dedo do pudim, yáyá,
Tira o dedo do pudim, yôyô...”

E os pares respondiam, dansando, auxiliando o contra-canto da orchestra:

[28]

“Tira o dedo do pudim, yáyá,
Tira o dedo do pudim, yôyô...”

A simplicidade destes versos, que, musicados, e em conjunto entoados, davam uma aphonía dubia e maliciosa, empolgava-os.

Terminada a execução, os dansarinos batiam palmas pedindo *bis*, embora pelas suas faces corressem rios de suor. Era a grande conquista do prazer.

A *jazz* accedia jubilosa do agrado que proporcionava e repetia o samba com mais vigor, com mais alma, vivendo-o.

Quando o *bis* terminou, um crioulo alto, de palitot branco e calça preta, limpando o suor, com a camisa toda molhada, exclamava:

– O’ lá em casa! Quasi que eu não tirava “os dedo do pudim”!...

Dominado pela alegria reinante, dispuz-me a dansar a primeira contra-dansa que se executasse.

Assim que os instrumentos alinhavaram os primeiros acordes dum *fox-blue*, a musica de minha predilecção, – perdoem-me os jacobinos a falta de nacionalismo musical – convidei uma mulatinha clara, de cabellos duros luzidios de brilhantina, dessas que a gyria classificou de “sarará”, a qual gen-

[29]

tilmente correspondeu ao meu convite, permittindo-me deste modo estrear-me naquella reunião dansante ao som do lindo *fox*, executado num compasso cadenciado e intercalado de notas soltas e baixos bizzarros.

A jovem dansava bem, com vivacidade. Eu, animado, fazia uns “floreados”, o que mais a entusiasmava. Em meio da dança, como lhe perguntasse o seu nome, prontamente satisfez-me:

– “Me” chamo-me “Celésti”.

– Celeste?! confirmei accentuando.

– Não, senhor. E’ Celésti, sem o é no fim. E’ nome francez.

Achei graça do pernosticismo da rapariga e, fazendo-me agradável, ajuntei:

– Bonito nome. Só mesmo da França poderia vir um nome tão lindo para uma moça tão bonita.

Ella sorriu e exclamou:

– E’, então não sei!...

– Mora aqui mesmo em Botafogo? perguntei-lhe prosseguindo a conversação.

– Não, senhor, trabalho na rua Barata Ribeiro, na casa do dr. ..., e mora lá mesmo.

Ainda esta vez extraviei o nome do doutor em cuja casa a moça de nome francez trabalhava.

[30]

– Se a convidar para bebermos uma garrafa de cerveja, após este *fox*, aceitará?

– Aceito, sim. senhor. Mas, “porém”, bebo um copo só, para lhe fazer a vontade. Antigamente eu bebia “á bessa”; mas agora bebo pouco, porque uma ocasião eu tomei uma “aguasinha” e fiz um fiasco.

Afim de esclarecer-me sobre o alludido fiasco, contou que bebera de mais em um baile que fôra com umas collegas e por tal motivo caira no salão, “amostrando-se toda”.

Consolei-a, dizendo ser uma cousa natural e, sobretudo, um acidente muito commum em festas.

– E’ signal de que as dansas estavam animadas, conclui, desembaraçando-a.

Finalizado o *blues* encaminhámo-nos para o *buffet*. Antes houvera convidado Cabrocha, que tambem se fizera acompanhar duma “roxinha”.

Ao sentarmo-nos, apresentou-me a sua companheira:

Apresento aqui a Dininha, uma morena das nossas. Dansa até debaixo dagua.

– E’ brincadeira delle, refutou estendendo-nos a mão.

[31]

O *garçon* já havia trazido tres garrafas de cerveja. Enchemos os copos e Cabrocha, levantando o seu, brindou as nossas collegas:

– A’ saude das nossas amiguinhas. A’s suas primorosas “qualidadias”!

Batemos os nossos copos com effusão. Celésti, excusando-se sempre, bebera um copo para me ser agradavel e outros para satisfazer a insistencia de Cabrocha e dininha.

A *jazz* accordou uma valsa e Cabrocha, puxando convidativo Dininha pelo braço, foi para o salão valsar. Celésti preferira ficar commigo; não gostava de dansar valsas, que lhe causavam tonteira.

Como ficassemos a sós, era necessario que lhe falasse em amor, na sua belleza.

Quando um homem fica a sós com uma mulher moça e não deixa transparecer em sua conversação algo da admiração que lhe causou as suas formas, ou seus labios, o seu sorriso, ainda mesmo que por méro espirito de galanteria, terá incorrido na maior falta de urbanidade modernista. Nunca será olhado como um respeitador. Vel-o-ão como um grosseiro, anti-social, quiçá bobo e detestavel.

Compreendi a situação e falei da maestria e elegancia que sabia exhibir nas dansas. Disse-lhe

[32]

que via na harmonia dos seus traços o typo da mulher que idealisava. Não cheguei a dizer que a amava, porque seria *trop.fort.* O amor a primeira vista só é acceitavel pelas jovens romanticas, de espirito antiquado, que vivem a espera dum principe encantado que nasceu para encontral-as um dia.

Voltámos ao salão das dansas e, depois de alguns *foxes* e *maxixes*, já lhe havia participado que desejava leval-a á casa ao terminar o baile no que ella consentira.

Seguia o sarau na mesma animação, quando uns gritos de mulher fez o panico entre os presentes.

Uma mulatinha alta, enciumada, puxára pelo braço, outra, tambem *sympathica*, que estava dansando com um crioulinho elegantemente vestido. O estado de nervos e a violencia com que o fizéra exasperou a rival, a qual desvencilhando-se dos braços daquelle Fauno, que

orgulhosamente se via disputado por estas duas Nymphas, avançou contra a sua aggressora e, puxando-a pelos cabellos que, talvez, poucas horas antes havia confiado ao cabelleireiro para estical-os, rasgou-lhe o vestido.

O crioulo disputado, tentando desapartear as suas amantes, foi pela aggressora offendido, pois que esta se julgava unica possuidora do coração que a contricante procurava roubar. Ella não accei-

[33]

tava a hypothese duma dualidade, ainda mesmo que o coração disputado fosse bastante vasto para abrigal-as em conjuncto.

Bem me disseram que o egoismo é feminino, e tinha razão, com o *referendum* do Berillo Neves.

Em vista do escandalo causado pela sua egoista possuidora, o “querido” perdeu a linha e uma bofetada maculou aquellas faces escurecidas, porém mimosas, que cremos já houvessem sido por elle marchetada de beijos, entre juras de um amor monogamico, que agora desobservava.

O conflicto creado foi immediatamente restricto pelo prompta intervenção dos dirigentes da sociedade, já acostumada a estas scenas. O conjuncto musical, muito de industria, mesmo no imprevisto do desenlace da scena, não interrompera a execução, procurando abafar com a sua harmonia a desharmonia reinante.

A rival que tentara subtrahir um pouco daquelle amor que a outra tinha em abundancia, mas não julgava superfluo, ficára chorando no *buffet*, para onde a levaram, emquanto o

causador do desfecho de ciúme se retirava em companhia da sua desvelada possuidora.

Poeta, diga mais uma vez: “Mulheres, pudesse uma só náu contel-as todas...”

[34]

Celésti, solicita, informou-me as minúcias do ocorrido, que eu não avaliára de prompto.

– Aquella é o Piraquê. um crioulinho querido das “roxinhas” de Botafogo... Aquella mulatinha alta é a... a namorada... o senhor compreende..., disse-me com malícia.

Compreendi com facilidade que aquella denominação de “namorada” occultava a verdadeira situação dos alludidos.

– Compreendi, sim.

– Pois é. Aquella outra também gosta delle. A namorada delle estava desconfiada, porque as collegas “della” já haviam avisado. Ella estava “mancando”; assim que viu a outra estar se offerendo, estragou... Fez muito bem, a outra é muito semvergonha.

– Isso não era nada de mais. Que mal haveria em o rapaz ser bondoso para a outra?

– E’? Eu é que não quero saber disso. Os homens são todos iguaes.

– Tem razão. Usam todos calça, collete e paletot. Não é isso?

Ella riu. E, certamente, diria mais alguma cousa, porém como havíamos acabado de dansar, fomos para a saccada respirar a brisa que vinha do

mar, alli em frente, dando uma lição de constancia aos corações voluveis.

Ao ver-nos, Cabrocha aproximou-se rindo:

– Vocês estão se amando!... Vocês viram só o que é o amor? E’ isso, o mulato é gostoso. Mette as bôas “fazendas” e cima e as meninas ficam atraz delle. Só eu é que não acho ninguem p’ra brigar por minha causa. Sou feio, não tenho “dollas”...

– Isso é o que não sabemos, respondi elogioso.

Celésti nada dissera. Limitara-se a dar uma gargalhada. Talvez a alta intelligencia das cousas a fizera proceder assim. Podia desgostar-me qualquer demonstração de agrado a um terceiro.

O fiscal de dansas da sociedade annunciou em voz alta, no meio do salão:

– Senhores: esta é a ultima!

Todos procuraram irar as suas damas para aquella contra-dansa final. Consultei o relógio e vi que faltavam quinze minutos para as quatro horas.

A *jazz* encheu o salão com outro samba, fazendo aquella gente remexer-se desordenadamente, numa ansia louca, como se esta fôra a ultima dansa de sua existencia.

Ao finalizar, todos acorreram á chapelaria afim de buscar os chapéus, cada qual mais ancioso para ser atendido em primeiro lugar.

Apanhei o meu chapéu e despedi-me de Cabrocha e, agradecendo a bôa festa que me proporcionára, participei-lhe que tinha de levar aquella moça á sua residencia.

Ele apertou as nossas mãos, dizendo:

– Bom, ó Jota: Segunda-feira você me encontra lá no Largo... Cuidado com a menina, ajuntou maliciosamente.

Chamei um taxi que rapido nos conduziu. Ella mesma pedira ao chauffeur que parasse um pouco antes da casa em que trabalhava.

Saltámos e, em passos cadenciados, acompanhei-a até a porta, onde conversámos longo tempo. Falei-lhe de amor. ella tambem falou-me de amor... Pediu-me que voltasse ao *Bohemios* no sabbado seguinte. Prometti. Só, se fosse inteiramente impossivel, faltaria.

Talvez duvidando da minha promessa, perguntou-me onde trabalhava. Calculadamente respondi:

– No Necroterio Policial... Sabe onde é?

– Sei, sim... Que cousa horrivel. Deus me livre! Trabalhar no meio de defuntos, disse com repugnancia graciosa.

[37]

– Não é tão ruim assim.

Um bonde rangendo nos trilhos, apontou no fim da rua. Preparei-me para tomal-o.

Já no bonde dei-lhe um adeus que ella correspondeu, seguindo com o olhar o vehiculo e acenando-me com o lenço.

Não voltei no sabbado, conforme promettera. Precisava variar.

Ella tambem não mais me procurou... Procurar uma pessoa viva no Necroterio não é agradavel e, além disso, pode dar azar...

[38]

[EM BRANCO]

[39]

NA “FLOR TAPUYA”

De accordo com o pedido de Cabrocha eu o encontrei na segunda-feira seguinte, no Largo de São Francisco.

Elle perguntou-me se tinha gostado da festa e qual a minha impressão. Lembrando-se que eu havia acompanhado a menina após o baile, perguntou-me com malícia:

– Como correu o negócio? Foi bem?

– Mais ou menos.

– Sim. Eu calculo. Você é um pirata. Conte o caso direito.

– Já contei, disse, rindo da sua ironia.

Como nada adiantasse acerca deste assumpto, resolveu elle passar adiante:

[40]

– Sabbado nós vamos a uma “farra”, das boas. Melhor do que o “Bohemios”, muito melhor...

– E’ “açougue” tambem?

– Si é. E’ “açougue” com carne de porco, *filet* e presunto, concluiu rindo.

– Onde é este assombro?

– Você verá... Sabbado onde “te” posso encontrar depois das dez horas?

– Onde quizeres.

– Então, está bem. “Me” espere no *Café dos Embaixadores*... Sabe onde é?... E’ alli na Praça Tiradentes defronte ao Theatro São Pedro, na esquina da rua Sete...

– Sei onde é. Conheço, concluiu esclarecendo.

– Não é o *Criterion*, do outro lado, não.

– Ora, “seu” Cabrocha. Você pensa que eu sou da roça!

Elle deu uma risada longa, finalizando:

– Não, às vezes a gente pode se enganar. Eu sei que você é “sarado”, mas, que diabo, um dia a gente “leva de contra”...

Estavamos combinados. Cabrocha dirigiu-se para a casa onde trabalhava, pois que estava na

[41]

hora do almoço, enquanto eu segui para as minhas ocupações.

*

**

Sentado no Café onde devia encontra-lo, o qual era o ponto preferido dos jogadores, bicheiros, *gigolots*, e toda essa vasta especie que constitue a bohemia carioca, observava-os. Todos na sua roupa nova, leve, sem collete, gravata *papillon*, um grande brilhante no peito da camisa, que sempre é de seda e bem talhada, o chapéu de palha de aba curta, descansando no alto da cabeça. Calçam, quasi todos, sapatos amarellos sem biqueira, inteiriços, em boa pellica, o que proporciona uma grande commodidade aos pés. na gyria, esta qualidade de calçados é conhecida por “sapatos-malandrim”.

Ha tambem o “carrapeta”, uma botina amarello-vermelho, que se ataca desde a biqueira diminuta e fina, sobre a qual está estampado um florão feito de furos pequenos, até ao cano. O salto que a caracteriza é alto e afinado, á guisa dos slatos á Luiz XV, o que lhes dá o nome de “carrapeta”. E’ o

mais usado pelos desordeiros e valentões da Gambôa e Santo Christo. Os bohemios, “malandrins”, poucos o usam.

[42]

Entretinha-me, enquanto aguardava a hora aprazada, apreciando estes *habitués*, quando o Cabrocha, ainda com a mesma pontualidade, apontando na esquina em frente, dirigiu-se para a mesa onde o esperava.

– Cheguei tarde? perguntou sentando-se.

– Não. Está “em cima da hora”.

– Eu sou de palavra. E’ na exacta.

Tomámos uma chicara de café e levantámo-nos.

Vamos a pé mesmo. E’ aqui perto... A gente bate os “pedaes” aqui pela rua da Constituição, num instante estamos lá. E’ na rua do Nuncio, perto da rua da Constituição, esclareceu convidativo.

Em dizendo isto, caminhavamos pela praça em direcção á rua aludida.

Falou-me das surpresas que me reservava esta nova “farra”. Era superior ao *Bohemios*. Tinha mais cabrochas, e estas não tinham “chiquê”. Cientificou-me também que a sociedade era menos fiscalizada do que a co-irmã da praia de Botafogo:

– “Tem” uma “tapeação” de família, mas a gente se defende, finalizou maliciosamente.

– Então é um baile popular. Já sei...

– Não é bem isso, mas é mais ou menos isso.

E explicou:

[43]

– Você sabe: “Tem” tres qualidades de familias; “tem” o “familiar”, o “familia”, e o “femiliação”.

Rindo finalizou batendo-me nas costas com intimidade.

Accentuei com a cabeça a clara percepção que tivera desta psychologica classificação humoristica, e ri em conjuncto.

Quantas “familias-femilias” e quantas “familias-femiliação” não se occultam sob a simples denominação apparente e laconica de “familias”, á qual os bajuladores, os servilistas, a sociedade emfim, com vistas grossas, numa convenção mais ou menos equilibrada nos recursos financeiros de cada aggrupamento assim rotulado, sobrepõe, em curvatura: “illustre... distincta... digna...”

Já Forjaz Sampaio, o grande revolucionador dos pactos sociaes, estudou, com profunda realidade, essas circumstancias genealogicas, que unem, mas não fusionam.

O nosso grande poeta e romancista Ary Pavão, no seu livro “Sargeta”, descreve-nos com grande eloquencia uma scena de ciumes entre uma *demi-vièrge* e sua progenitora, amantes dum mesmo homem.

[44]

Mas eu me esquecera, isto é um livro de “fuzarca” e não devo desviar-o com a expansão de criticas sociaes.

Vendo-me, calado, absorto, entregue a essas divagações, offereceu-me um cigarro, cortando o silencio.

– Não faça muito “jogo de scena”, lá, não... “Meta as conversas” direitinho.

– Está bem. Eu me defendo.

Entrámos na rua do Nuncio, onde logo avistámos um sobrado, já velho, todo ornamentado de lampadas, tendo ao centro da saccada uma bandeira de grande formato.

Em frente á sociedade está localisada uma grande fabrica de calçados, numa antithese significativa. o predio, já bastante arruinado, de construcção antiga, tem as características das edificações dos tempos imperiaes, comtudo a profusão de luz e a alegria ambiente o “voronoffisava” facilmente.

Subimos; no topo da escada fomos recebidos por um dos directores da sociedade, que hoje faz parte da Guarda Civil, o qual solícito nos conduziu a um pequeno compartimento proximo, que parecia ser a Secretaria, o que presumi em vista de dois armarios com varios papeis que alli existiam. Após

[45]

pagarmos os tres mil réis de ingresso, delicadamente nos pediu deixassemo-nos ser revistados, no que consentimos. Desfazendo a impressão de que aquella revista, embora superficial, nos poderia causar, tranquilisou-nos amigavelmente:

– Os senhores não levem a mal. E’ que, ás vezes, veem sujeitos p’ra aqui armados; bebem um pouco e depois querem

fazer “cocoré”. Depois a “canna” póde dar aqui e, pegando alguém armado, é uma encrenca...

– Não ha importancia, não senhor... Isto é uma medida muito justa. Fazem muito bem, respondi com intimidade.

Esta resposta captivou a confiança do director, que, acompanhando-nos ao salão de dansas, encerrou o protocollo, batendo-nos nos hombros:

– Divirtam-se á vontade. Não façam cerimonia, e esquivou-se gentilmente, retirando-se.

Assim que chegámos ao salão, o conjuncto musical, num total de seis executantes, alojado em uma especie de coreto da altura approximada de meio metro, o que permittia destacar facilmente a figura do pianista, atacou com animação um samba, que, dada a simplicidade do seu estribilho, consegui apprehender.

[46]

Em meio da estrophe do *refrain*, o pianista girava nervosamente na sua cadeira roscada e, voltando-se para o salão, gritava o complemento daquella harmonia popular, com um “quê” de graciosidade e *frisson* empolgando os dansarinos...

O grupo unissono, com vigor e melodia, cantava febrilmente:

“Saudades...

E’ o que me traz aqui!”

E o pianista, voltando-se voluptuosamente, em contracantos, respondia:

“Mas vejam só!...”

Os demais músicos, em união, concluíam:

“Lembranças...
Recordações de ti!”

Repetiam o cântico, e um deles, o que tocava o violão, versejava ao solo com quadras fáceis e variadas, para depois continuarem:

[47]

“Saudades...
E’ o que me traz aqui!”
“Mas vejam só!...”
“Lembranças...
Recordações de ti!”

Os pares, animados, apertavam-se cada vez mais, com lascívia, requebrando-se, como se estivessem dispostos a se desconjunctar. Alguns, dansando o nosso clássico maxime, descreviam verdadeiras espirais de corpos humanos ao compasso daquela samba tão genuinamente carioca.

Insistentemente pedido, a orquestra bisou o samba, o que não satisfiz aos dansarinos, voltando estes a reclamar por

mais duas vezes a repetição desta musica tão popular quanto agradável.

Sem dar treguas aos assistentes, o *jazz* executou em seguida um *fox* buliçoso, que dansei com uma rapariga de apparencia agradável, de seus trinta annos approximadamente, a qual Cabrocha havia me apresentado, emquanto se succediam os “bis” do samba.

Era a Alzira, conhecida por “Senhorinha”, nome que lhe crearam, certamente devido á sua elegancia e preocupação de se fazer joven.

[48]

Antes mesmo que a convidasse para dansarmos, puxou-me delicadamente pelo braço, com confiança, como se fossemos velhos amigos.

Em expansão, dansando com apuro, tendo o maximo cuidado de me apertar o mais possivel contra o seu peito, sem circumloquios poz-me ao corrente da sua vida.

Cabrocha, num todo *yankee*, que ia admiravelmente com a musica daquela região, methodisado, desfazia-se em figuras choreographicas, no que era afinadamente acompanhado pela sua *partner*, um interessante menina de dezoito annos, se tanto, de cadeiras largas e vestido propositadamente justo, o que fazia ressaltar claramento os movimentos de seus immensos quadris de modo provocador.

Senhorinha, vendo que eu observava aquella trepidação exigida pela musica, abriu a conversa com malicia:

– Está apreciando a rapariga que está dansando com o Cabrocha, hein!... E' uma menina geitosa, não é?... Está bobo, não está?...

– Não. Nada disso, estou apreciando os passos, respondi, sem dar-me por achado.

– Sim. Eu sei. Eram os passos só... Não eram?!

[49]

– Póde crer que eram...

Sem exigir a minha confissão, ella prosseguiu a conversa, notando-se na sua palestra algum grau de intrucção que possuia. De vez em quando intercallava, sempre que se lhe offercia ensejo, uma palavra em francez, o que fazia com justeza e correcta pronunciação:

– Eu tambem já fui gorda assim. Agora estou acabada, estou envelhecendo. *Tout passe, tout casse, tout lasse!*...

Sentenciou com saudade e prosseguiu:

– Si eu lhe mostrar um retrato que tirei, ha uns dois annos antes, o senhor não me reconhecerá. era gorda, forte...

– E bonita, ajuntei, de acordo com a vasa que, com perspicacia feminil, me offercera.

Nada agrada mais a uma mulher do que alludir á sua belleza.

Ella compreendeu essa louvação industriosa e, sem se importar, continuou:

– Talvez... Mas, depois, os aborrecimentos que passei por causa dum rapaz que eu gostava, acabaram-me. Emfim, isto é do mundo; deixa-me rir e gosar.

– *A quelque chose malheur est bon!*, consolei-a, explorando o galicismo tão do seu agrado.

[50]

– E' verdade. Quando mais não seja para se ter a felicidade de recordar uma cousa infeliz.

E, com a mesma simplicidade, clara, com sinceras palavras, historiou a ingratidão de um *chauffeur* que conhecera pobre e a quem dera dois contos de réis, de uma só vez, quantia esta que ella possuia na Caixa Economica, desde quando, fugindo da casa dos seus paes, fôra viver com um rapaz que amava, apesar de saber que o mesmo era casado.

Para arrazoar este gesto doidivano, aclarou-o com a agudeza de um advogado, quando á causa falta o beneplacito da Justiça.

– Sim. Um rapaz casado. Um jovem que eu amei e que outra suppoz ter-me roubado, com a gazua dos seus dinheiros, da sua fortuna... Mas, fui infeliz; elle, á força do dinheiro, conseguira prender-se á sua esposa e proprietaria... Abandonou-me... Joven ainda, no verdor dos annos, não hesitei em aceitar a proposta daquelle *chauffeur* que mais tarde viria causticar ainda mais o meu coração.

O conjuncto terminara a execução do *fox*, que já havia sido bisado sem termos dado conta, tal o interesse que me despertava a confissão e a sinceridade da relatora. Fomos nos aboletar numa das

[51]

mesas do *buffet*, installado alli mesmo, ao fundo do salão.

Pedimos cerveja. Ella recommendou ao *garçon*:

– Bem gelada, sim...

– Pode fazer mal. Estamos suados, disse interessando-me.

– A mim, o mal todo do mundo só me fará bem.

Cabrocha, a um canto do salão, brincando com a mão daquella menina com quem dansára o *fox*, sussurava-lhe ao ouvido, com meiguice, o que a sua galanteria lhe dictava.

Quando a *jazz* iniciou um *rag-time*, elle, avistando-me no *buffet*, fez um signal com a mão, perguntando-me se não dansava. Respondi pelo mesmo processo, que estava descansando.

O *garçon* trouxera as cervejas; bebemos seguidamente dois copos, dum só folego. Ao terminarmos o segundo, ella com graciosidade disse:

– E' verdade. Não bebemos a nossa saude... Estavamos tão distrahidos...

E, enchendo os copos, levantou o seu, convidando-me a imital-a.

[52]

– A' sua saude... *À votre santé!*

Bateu o seu copo de encontro ao meu, com effusão e esvasiou-o.

Gentilmente, redargui:

– Não! A' sua... A' saude da Senhorinha!

Ella agradeceu, e propoz em seguida, enchendo novamente os copos:

– Agora vamos beber á tua saude.

Elevamos os copos e batemo-os com a mesma alegria. Quando iam os levar á bocca, duas raparigas, uma morena, de cabelo liso, typo de cabocla e, a outra, tambem de cabellos pretos e lisos, um pouco mais baixa, porém mais bonita, entraram no salão, parando proximo ao *buffet*.

Senhorinha avistou-as e chamou-as:

– São minhas amiguinhas. Aquella mais baixa é a Nancy. E' minha comadre. Baptisou um filhinho que eu tive e morreu...

As convidadas approximaram-se, e Senhorinha, toda mesuras, apresentou-me as recém-chegadas, convidando-as a sentarem-se:

– Aqui, o amiguinho Jota. Um collega do Cabrocha; rapaz muito intelligente...

Eu excusei-me confuso. Ella insistiu:

– E' sim... E' modestia delle. Todo homem que usa *pince-nez* é intelligente... Não?!...

[53]

As apresentadas, rindo claramente, confirmaram, accentuando com a cabeça:

– E' sim!...

Apresentou-me a seguir:

– Aqui, a Nancy, uma cabrocha que tem feito muita gente andar tonta.

A apresentada riu com modestia.

Depois, indicando-me a outra, a mais alta, possuidora dum par de olhos muito pretos e attrahentes:

– Esta, a Doralice, a Cecy, outra tragedia nos mesmos actos da Nancy, disse com certa graça e malicia.

A moça em questão sorriu calculadamente:

– E você? E’ um drama em dez partes.

A Nancy adivinhou a phrase da sua collega e disse em conjuncto:

– ... em dez partes...

– Vocês, já que chegaram agora, vão beber á saude do Jota. A minha já bebemos. Mas não faz mal.

Fez um signal ao caixeiro que trouxesse mais cerveja e copos que ella encheu offerecendo ás collegas.

– A’ saude do amiguinho Jota, disse erguendo o copo.

[54]

As outras tambem ergueram os copos que, esbarrando-se uns nos outros, fizeram entornar um pouco da cerveja que continham. Agradei:

– Muito obrigado... Muito obrigado... Que essas mesmas mulheres que bebem á minha saude possam proporcionar-me alegria...

– Não senhor... Não... Discurso não vale.

Interrompeu-me Senhorinha, batendo mais uma vez seu copo contra o meu.

Nancy e Cecy protestaram tambem, com gentileza:

– E’, sim. Discurso, só na Camara.

Um pouco influenciado pelo álcool, enchi novamente os copos e designei:

– Agora á saúde da Nancy e da Cecy. As duas mulheres que “não se, si pode esquecel-as”.

Ellas riram e gabaram meu trocadilho. Elevaram os copos e beberam com soffreguidão.

Felizmente o Raul e o Terra de Senna, não dansavam na *Flor Tapuya*, senão ter-me-iam pegado em flagrante plagio das suas especialidades.

O conjuncto ensaiou um novo numero. Dois rapazes altos, um delles, de “carrapeta” e terno *palm-beach*, o outro um jornalista meu amigo, solicitaram-nas para dansar. Ellas accederam.

[55]

Chamei o *garçon*, que, cobrando a despeza dos vinte mil réis que lhe déra, me trouxe um troco de quatro mil e seiscentos. Dei-lhes os seiscentos réis e dispunha-me a guardar o restante, quando Senhorinha, com agrado, segurando-me a mão, impediu-me:

– Você não devia ter dado gorgeta. Elles já “esfolam” nos preços...

E com meiguice:

– Vou ficar com esses quatro mil réis, porque estou sem dinheiro trocado algum, sim?

Consenti, e, acto continuo, ella prendeu as moedas na ponta do lenço, que enfiou no corpete.

Um rapazola ainda imberbe, pediu-me licença para dansar com Senhorinha, que, também solicitando-me permissão, acompanhou-o.

Levantei-me e fui para o salão de dansas, onde a animação reinante ia sempre em crescendo.

Cabrocha que não havia dansado, aproximou-se de mim e apontando-me Nancy e Cecy que dansavam muito agarradinhas aos seus cavalheiros, informou-me:

– Estás vendo aquellas duas caboclas?

– Estou.

– São dois “peixões”, não são? Espia só como aquelles “cabras” estão “muquiando” com

[56]

vontade... E’ a defesa, “seu” mano... E’ a defesa...

Já fui apresentado a ellas. São amigas da Senhorinha. Uma dellas é sua comadre.

Rindo, Cabrocha refutou:

– Que comadre nada... Isso é malandragem. Você está bancando o “Pereira”.

– E’ natural. Podia ser.

– Não é não. São camaradas.

Ellas perceberam que falavamos a seu respeito e, assim que findou a musica, dirigiram-se a nós:

– Estão falando mal ou bem da gente? perguntou com intimidade.

– Ora, quem é que póde falar mal de duas “tentações” dessas, respondeu Cabrocha em tom amavel.

Eu, que já principiava a interessar-me pela Cecy, a de olhos immensamente pretos, aproveitei:

– Estavamos “tirando a sorte” para ver com qual das duas dansariamos, e coube a mim dansar comsigo, disse indicando-a.

Ella sorriu, promettendo.

Senhorinha sentada no *buffet*, com o rapaz com quem havia dansado, chamou-nos com um

[57]

“tsiu” malicioso e, arregalando o olho com o indicador direito, exclamou sorridente:

– Cuidado! Esses dois... e fez um signal com dois dedos que queria dizer alguma coisa de levado ou brincalhão.

– Não ha perigo. Deixa elles, responderam ambas.

Logo que a orchestra atacou um novo samba muito provocador, sahimos dansando. Com interesse perguntei onde moravam, o que ella promptamente respondeu:

– Ah! Eu moro na rua dos Invalidos, junto com a Nancy.

– Permittirá que eu tenha o prazer de visital-a um dia?

Como resposta acenou a cabeça affirmativamente, rindo.

Apressei-me em escrever o endereço que me foi dado, assim que a contra-dansa terminou. Como na occasião não tinha um pedaço qualquer de papel em branco, anotei-o no verso de um cartão de ingresso para certo festival, num cinema de Cascadura, que, dias antes, me venderam.

Nancy e Cecy, como Senhorinha as convidasse para tomar cerveja, acceitando, afastaram-se.

[58]

Ficando no salão, em companhia de Cabrocha, que as acompanhou com um olhar demorado e penetrante até a mesa, prosegui na conversação:

– As morenas deram-me o endereço, disse-lhe.

– Eu sei onde é. E’ na rua dos Invalidos, não é isso? Eu conheço a dona da casa. E’ uma “intaliana”.

– E’ isso mesmo.

Nessa ocasião Senhorinah, que ainda continuava sentada no *buffet*, dera uma gargalhada estrondosa. Olhámos espantados e, rindo também, falei:

– Aquella mulher é uma infeliz. Uma rapariga intelligente e tão sem sorte... Ella contou-me que gostava dum rapaz casado que a seduziu, abandonando-a depois. Falou-me também de sua amizade com um motorista.

– Já sei... Já sei..., e Cabrocha ria desbragadamente.

– Que é isso?, perguntei surpreso.

Continuou a rir. Depois, batendo-me no braço com intimidade:

– Mas você foi nessa conversa? Isso é “truquio”... Ora você...

[59]

E sempre rindo, concluiu:

– Essa historia ella conta a todos... Isso é romance... Ora, ora, “seu” Jota!...

A' vista dessa informação, ri tambem e louvei a arguicia daquella mulher, a sua perspicacia, a sua naturalidade. Fil-a émula de Italia Fausta, ou mesmo de Sara Bernhardt.

Voltámos ao *buffet*, e de uma mesa em frente á de Senhorinha apreciavamos a sua expansão e o desembaraço com que ella esvasiava as garrafas que o empregado trazia.

Certamente, aquelle moço a seu lado iria ouvir tambem a narração do seu romance de desventura, ou ella o teria julgado incapaz de acreditar no relato?

Após mais algumas contra-dansas, já, pelas quatro horas, ellas levantaram-se e apresentando-nos as suas despedidas.

– Adeusinho. Qualquer dia vou lá, com o Jota visitar vocês, disse Cabrocha apertando-lhes a mão.

Os rapazes saudaram-nos sobriamente com a cabeça e acompanharam-nas. Da escada, ainda ellas nos deram um adeusinho gentil.

Dahi a alguns minutos terminaria o baile e, para livrarmo-nos da confusão da retirada dos chapéus, sahimos um pouco antes.

[60]

Vamos “sumindo” já, senão depois é um avança “damnado”, disse Cabrocha levantando-se.

A' porta, nos despedimos e Cabrocha, gosando a minha ingenuidade, gracejou:

– Não vá chorar pela infelicidade de Senhorinha. Lembre-se que você está crescendo.

– Não. Eu não choro mais. Fico muito feio, quando choro.

Apartámo-nos, cada um para o seu lado...

Na tarde daquelle domingo, deveria visitar, um namorada que eu tinha em Cascadura. Depois de um somno reparador, ás 18 horas, encontrava-me com a “pequena” na referida localidade

Conversámos passeiando na calçada em frente á estação e, quando se aproximou a hora de me retirar, offereci-lhe o cartão para o festival:

– ... o cinema é pertinho da sua casa; você póde ir. E’ quarta-feira.

Ella agradeceu guardando a entrada na bolsinha:

– Muito obrigada. Eu gostaria mais que você viesse tambem. Eu vou com uma colleguinha, a Laura, ella tambem tem um cartão deste.

O trem resfolegando entrára na estação. Corri para apanhal-o. Da janella acenei com um lenço,

[61]

dando-lhe adeus. Elle retribuiu, encaminhando-se para casa.

*
**

Terça-feiram, dois dias após, trabalhava despreoccupado, quando o telephono tilintou. O collega que attendera, chamou-me:

– O’ Jota, é para você... E’ voz de mulher...
Surpreso, tomei o phone e, uma voz feminina, explosiva, inquiriu:

– E’ o Jota?

– E’ sim, sra.

– Você é muito sem vergonha!... Eu fui á rua dos Invalidos. Estive na casa da tal Nancy... Nunca julguei que “fosses” tão descarado. Não me procure mais!... Não quero te ver mais. Sem-vergonha!... e, batendo com o phone no gancho, desligou...

Refeito do sobresalto, analisei a causa deste “estrillo” inesperado.

Era a joven de Cascadura. Eu não me lembrara que havia anotado o endereço de Nancy e de Cecy no verso da entrada do festival.

Quando contei ao Cabrocha o incidente, elle deu uma gargalhada:

– Mas você anda “bebo”, Jota?

E ria ás bandeiras despregadas.

[62]

[EM BRANCO]

[64]

NO “BAR COSMOPOLITA”

Naquella tarde de quinta-feira, como tivesse a noite livre, após o jantar, parei na praça Tiradentes, em frente ao Theatro São José, apreciando as meninas que passavam apressadas em busca do bonde que as leve para casa o mais breve possível, de pois de nove ou dez horas de trabalho num *atelier* de costura ou num balcão, aturando freguezas “cacetes” ou freguezes pretenciosamente amaveis que compram uma gravata de 5\$000 afim de lhes poder dirigir galanteios, mais ou menos Moraes.

Paris tem as suas *midinettes* de Montmartre, os degráus anonymos da gloria de um Jean Patou, os factores indirectos dos deslumbramentos da Opera, do Long-Champs. Nós temos as nossas costu-

[65]

reiras, pobres, de rostos caprichosamente pintados, de vestidos embora manufacturados em fazendas baratas, mas sempre no mesmo gosto dos de alto preço que passam pelas suas mãos. Não se aggrupam numa cidade como as parisienses, espalham-se pelos suburbios, pelas zonas e arrabaldes pobres.

Uma mulatinha graciosa, de labios demasiadamente vermelhos, atravessa a praça, cheia de automoveis e bondes,

acompanhando-a um rapaz de estatura mediana, que vem sussurando-lhe ao ouvido galanteios que ella finge não ouvir – era o Cabrocha.

Ao avistar-me abandonou a sua nova conquista e veio ao meu encontro:

– Que estás fazendo aqui, o Jota?... Estás na “moita”!... e riu com facilidade.

– Vinhas perseguindo a menina, hein, “seu besouro”... respondi, censurando-o.

Convidei-o para tomarmos café e, recusando, aviltrou-me:

– Não, obrigado. E’ melhor tomarmos uns *chopps*. Estou cheio de café até aos olhos.

E para convencer-me, ajuntou:

– Vamos tomar o *chopp*, aqui, na rua Silva Jardim, onde tem as “mulheres”. No *Bar Cosmopolita*, sabes onde é?

[66]

Confirmei acenando a cabeça.

Ficámos allí ainda algum tempo, apreciando as “meninas”, e a estas, sempre que passavam proximo a nós, Cabrocha dizial-lhes algumas palavras amaveis ao ouvido.

– Estás vendo aquella “morena”, que vae lá com aquella “camarada”?

Perguntou-me indicando uma mulatinha, baixa, de pernas grossas, que passava na calçada fronteira, marginando o jardim, de braço com um rapaz a mesma côr, typo de nortista.

– Estou.
– E’ a Anninha... Aquillo é uma cabrocha “sabidona”.
Ella namora aquelle “zinho”, porque ele lhe dá muitos presentes... Quem me contou isso foi uma companheira della, que tambem trabalha n’“A Imperial”, na rua Gonçalves Dias.
– Isso são “defesas”, respondi rindo.
– Si são!... Quando está sosinha, viaja de bonde... e, espera bonde de tostão. Quando está com elle gasta omnibus...
Soltou uma gargalhada, tirou o lenço do bolso e passou pela testa. Collocou o chapéu no alto da cabeça e, segurando-me pelo braço, convidou:

[66]

– Vamos aos *chopps*... Vou lhe apresentar á “Rosa Negra”. Você vae ver que crioulinha “succo”.

Dobrámos no *Stadt München* e seguimos pela rua Silva Jardim.

Em se entrando nesta rua, que se inicia na Praça Tiradentes e termina na rua Pedro I, formando um angulo recto, avista-se a Igreja Presbyteriana, onde, naquelle tempo, era seu director espiritual o saudoso e illustre Pastor Alvaro Reis, e, na mesma rua, num avisinhamento profano e horripilante, estabeleciam-se as “vendedoras do amor”, as infelizes “funcionarias do instincto”, como as denominou com agudeza psychologica um apreciado escriptor. Filhas da mesma França que nos legou a historia heroica de uma Jeanne d’Arc e o encantamento religioso da Bernadette.

Esse contraste fere profundamente ao mais despido de sentimento de religião, pela sua materialidade, pela simples ethica convencional.

Porém, hoje, as autoridades policiaes sanearam aquella via publica e, com o saneamento moral, a Egreja fez tambem o seu saneamento predial, dando inicio á reforma da sua fachada, quasi em conclusão.

[67]

Esta conjecturas foram interrompidas pelo Cabrocha, assim que fizemos a volta, alli nos fundos do velho Theatro São José, apontando-me umas portas de vidro que não cessavam de abrir e fechar-se, entrando e saindo homens, principalmente marinheiros de um navio norte-americano que estava fundeado na Guanabara. Ao alto, um letreiro com luzes vermelhas parecia gritar: *Bar Cosmopolita*.

Empurrámos a porta que se fechou por si mesma. Um immenso salão cheio de mesas, circumdadas por homens e mulheres. Do lado esquerdo, a copa, com uma miscellanea de garrafas tiradas das prateleiras e movimentadas por um estrangeiro gordo, que, alheio á algazarra enorme alli reinante, despejava *cognacs*, licores, *wiskys*, e recebias as fichas das caixeiras, sem sorrir, compenetrado e indifferente.

Ao fundo, um cartaz de grandes dimensões com o reclame: “Brahma Chopp 700 rs.”, e o classico frade ao lado do barril, rindo de tudo e de todos.

Um piano estridente e desafinado “escangalhava” um *fox* que os marinheiros *yankees* acompanhavam com exclamações desordenadas e ebrias.

[68]

– *Very well!... Again!... Again!...*

Gritaram os marujos, quando a musica terminou e, batendo palmas, erguendo os copos, atirando os gorros, exigiam a repetição daquela melodia que lhes lembrava a sua patria, com os seus edificios infinitamente altos e sequiosos de subir.

Cabrocha ria, á vontade, deste delirio e, batendo-me no hombro, exclamou numa gargalhada:

– Esses americanos são “peor” do que gambá!... mettem a cara no “visqui” e nos *chopps* com força...

Já uma das caixeiras se aproximara, e Cabrocha pediu, recommendando com gracejo:

– Olha, menina, os “duplos” são sem “galão”... Eu sou “soldado raso”... Ahi o meu amigo, ás vezes, é promovido a “coronel”, mas não tem “divisas”, e indicou-me.

A rapariga riu e encaminhou-se para a copa.

O pianista terminara a repetição do *fox* que tanto agradara os marinheiros, e as palmas estrugiram como anteriormente, fartas e ensurdecedoras...

Fez-se um silencio relativo... Novamente o pianista accordou outro *fox*. Uma crioulinha esguia, graciosa, de feições sympathicas, traços leves, bonita mesmo, surgiu num passo cadenciado, ao

rythmo da musica. Uma salva de palmas recebeu-a e, sem perder a cadencia, agradecendo com um sorriso sobrio, muito de artista e habituada a agradaer, iniciou com voz agradável, pronúncia cuidada, quiçá correcta, revestida do *cachet* das modulações *yankees*:

*“We have no bananas,
We have no bananas
To day.”*

Cabrocha, com palmas vigorosas, como que querendo destacar-se daquelle conjuncto de acclamações, exigia-me que o acompanhasse, E eu, batendo palmas com força, satisfazia-o.

– Essa é a “Rosa Negra”... Essa menina é escura assim mas bota muitas “brancas” no “chinello”... Aprecia só como ella sabe falar bem o “americano”.

Cabrocha informava-me dessas qualidades da interessante crioulinha, com soffreguidão, em tom convincente, intercalando as phrases com goles demorados de *chopp*, num delirio surpreendente.

“Rosa Negra”, dominando o auditorio, escura na côr da sua epiderme, em desaccordo com todo o seu feitio physico – dir-se-ia uma *gaffe ethnica*

tornando-se clara pela agradabilidade da sua voz, sem nada dever ás celebres *chanteuses* que alegam os *cabarets* de Paris, os *grill-rooms* da Broadway e da Fifth Avenue, “riscando” com os olhos toda a assistencia, descobrira Cabrocha, e um sorriso acentuado certificou-o da sua distincção, que elle, esticando-se, marcando com a cabeça os compassos do *fox*, fazia questão se realizasse.

Os marinheiros em progressiva embriaguez exclamavam, de quando em quando:

– *Very prett black!... Very good!...* e acompanhavam-na com desarticulação dos hombros, repetindo:

*“We have no bananas,
To day.”*

As palmas abafaram as ultimas palavras daquellas coplas *yankees*, que tiveram origem num theatro de Nova York, que distribuia no fim dos espectaculos os nossos *pomos paradisiacos*, as nossas muito democraticas bananas e, como um dia não houvesse destes fructos para o costumado presente, o *chansonnier*, afim de evitar o descontentamento dos frequentadores, improvisou em con-

[71]

juncto com a *jazz*, num *fox* – expressão popular da musica new yorkina – essa rythmada excusa.

Cabrocha delirante, as mãos em concha para que as palmas echoassem com mais violência, gritava exigindo:

– Bis!... Bis!... Bravos, Rosa!... Mostra a esses americanos o “peso” duma boa “roxinha”... “Machuca esses mister”, Rosa.

E convidava-me com acenos de cabeça a acompanhá-lo nas aclamações. Eu, gentil, atendendo, batia palmas e pedia:

– Bis... bis... bis...

“Rosa Negra”, orgulhosa como uma estrela de teatro-revista, embriagada pelas palmas mercenárias da “claqué”, mas que no entretanto as faz satisfeitas, agradecia em gestos largos, unindo as mãos à altura do coração, e “bisou” com mais capricho e vivacidade:

*“We have no bananas,
We have no bananas
To day.”*

Palmas, uma saraivada de palmas, mais impetuosa, como que de gratidão, encerrou o bis.

[72]

Cabrocha, levantando-se, convidou-a a tomar parte em nossa mesa. Como houvesse aceito o oferecimento, entre abraços e felicitações, indicávamos-lhe uma cadeira.

– Obrigada, Cabrocha... Muito obrigada, moço. e sentou-se com desembaraço.

Cabrocha chamou a *garçonne* e perguntou a “Rosa Negra”, amavelmente:

– “Qués” tomar um “chopesinho”?

Ella agradeceu excusando-se e pediu:

– “Traz” um *wisky and soda*. Pronunciou com destaque e vaidade as palavras inglezas.

Apresentado-m’a, Cabrocha foi prodigio em referencias.

– O Jota, você não conhece esse “diabinho”?... Em todo o caso está melhor do que lá, naquelle “mafuá” do “Méia”.

Gentil, ella informou-me que se exhibira num Parque de Diversões existentes na estação do Meyer, onde fora convidada para vir cantar naquelle “Chopp”.

Com intimidade, aviltrei-lhe a idéia de ingressar num elenco de revistas ou fazer “numeros” numa *troupe* de variedades...

Fazendo suas as minhas palavras, Cabrocha concluiu:

[73]

– Essa “morena”, se fosse cantar nos grandes “cabaretes de Paris da França” ou da Nova York, fazia um “sucessão”!... Você viu como essa “marinheirada” ficou toda “babada” de ver a Rosinha “se explicar no remelexo”?

– Deixa de bobagem, Cabrocha... Então não sei...

Concluiu com um muchocho e sorveu um gole do seu *wisky and soda*.

Cabrocha insistiu e disse que ainda a applaudiria á frente de alguma companhia theatral (registre-se o vacticinio).

– E’ bem possivel, accentuei.

Ella, com descrença, ria repetindo:

– E'. Eu já sei disso...

A caixeira havia “duplicado os duplos” por varias vezes e os cartões amontoavam-se ao centro da mesa, sem apercebermos.

Rosa levantava-se para ir cantar outros *foxes* e sambas, voltando assim que terminava e, por fim, para não destoar, bevia “*chopps* duplos” connosco.

Já passava da meia noite, quando convidei Cabrocha para retirarmo-nos. A caixeira attendendo ao nosso chamado aproximara-se e, contando os cartões, deu-nos o total da despeza:

[74]

– São dez “duplos” e uma soda com *wisky*, doze mil e seiscentos.

Cabrocha tirou uma nota de 20\$000 e, recebendo o troco, deu-lhe uns nickeis de grojeta.

Despedimo-nos de “Rosa Negra” e saímos.

Na rua Pedro I, em direcção á rua do Senado, Cabrocha enfia as mãos nos bolsos do paletot, tirando quatro cartões de *chopps*, e, como me surpreendesse ante o seu gesto, riu e explicou:

– Você pensa qu'eu sou “relogio”... O allemão, quando veio da terra d'elle, não trouxe o botequim nas costas!

E atirava ao meio da rua os cartões, entre gargalhadas.

*

**

Poucos annos depois, De Chocolat, o applaudido repentista, em collaboração com o scenographo Jayme Silva, estreava no Rialto a Companhia Negra de Revistas, com a peça “Tudo Preto”, em que “Rosa Negra”, uma das principaes figuras do elenco, surgia qual nova estrella “engastada no velho azul do firmamento”, com um reclame sensacional de ineditismo da côr.

[75]

Fui vel-a na Avenida e, sob a regencia do popular Pixinguinha, era coroada de applausos em todos os numeros que lhe foram confiados.

Lá estava Cabrocha na primeira fila e, no intervallo do primeiro acto, lembrava com orgulho:

– Eu não “te” dizia... Você se lembra?

*

**

Se ainda hoje o Destino não me houvesse apartado de Cabrocha, que, partindo para São Paulo, nunca mais enviou um bilhete que fosse, ao seu velho collega de “farras”, elle repetiria, exhuberante de convicção, no antigo Theatro Republica á Avenida Gomes Freire; num dos intervallos da Companhia Mulata Brasileira, apreciando o “Samba, batuque e cateretê”:

– Eu não “te” dizia... Você se lembra?

[76]

[EM BRANCO]

[77]

NA “KANANGA DO JAPÃO”

Chovia copiosamente...

Recostado na cama, de pyjama, á vontade, lia com atenção, como que preparando o somno deste sabbado que a chuva, impiedosa, sem tréguas, tornava insipido, não obstante haver Cabrocha, na terça-feira, aprazado um encontro para esta noite, afim de irmos á *Kananga do Japão*, que, segundo as suas palavras, “estava dando boas mulheres”.

Assim, certo de que o temporal daquela noite invalidaria a nossa “farra”, após o jantar recolhi-me ao quarto e, depois de ler os vespertinos, intoleraveis na sua preocupação de noticiar conflictos e suicidios, dizpuz-me a reencetar a leitura

do *Ajuda-te*, o apreciado livro de Samuel Smiles, um dos muitos livros educativos, que, quando eu

[78]

interno de collegios, costumava presentear-me o “papae”.

Taes obras, sobrias, escriptas com elevação, não logravam despertar-me o interesse que, invariavelmente, desaparecia á leitura da quinta ou sexta pagina, o bastante para reputal-as “um livro páu”, e o conseqente somno no meu armario escolar.

Estava pois absorto, lendo um dos melhores capitulos desta valiosa obra, que, vingando-se do ostracismo que lhe déra, tornou-se agora, um dos meus “livros de cabeceira”.

A porta abrindo-se interrompeu a minha leitura, e Cabrocha, de capa, chapéo desabado, appareceu expansivo:

– Que é isso, “seu” Jota? Você vae ter criança?!

Entrando apanhou o livro sobre a mesa de cabeceira e ao ver o nome estampado na capa, ajuntou rindo:

– Vê se o livro “te ajuda” a levantar, “seu dormideira”.

Levantei-me e pedi excusas por não ter comparecido ao encontro, allegando que a chuva me levara a suppor na revogação do que havíamos emprazado.

[79]

A minha desculpa não satisfez a Cabrocha, que, ferido no seu orgulho de “farrista”, refutou:

– Não senhor, “seu” Jota. Então você acha que um “toró sopa” destes pode estragar uma patuscada?

Auxiliando, obrigou-me a vestir às pressas e, em menos de cinco minutos, descíamos as escadas, em busca de um auto que nos levasse á *Kananga*, na rua Senador Euzebio.

Emquanto o automovel rodando espargia a agua que encharcava o asphalto, conduzindo-nos celere para a nova “farra”, Cabrocha, como de habito, preparava-me o espirito, fazendo a perspectiva do club que iamos visitar.

Quando o taxi parou á porta da sociedade, já eu sabia que o “dono”do club era o Paiva – o conhecido recreativista, que mais tarde fundou o *Excelsior Club*, e cuja morte ocorreu em principios de 1931, em consequencia dum atropelamento por automovel – e o Vianna, hoje afastado do recreativismo.

Antes de subir, observando a nossa praxe, entrámos no Café, sobre o qual estava instalada a aggreiação, afim de “accendermo-nos”, sendo que neste sabbado o accendimento foi feito sob o rotulo de “preservação do resfriado”.

[80]

– Caixeiro! – chamou Cabrocha – traga dois “especiaes” e dois cafés, para esquentar o coração da gente.

O *garçon*, attendendo, trouxe dois pequeninos calices de aguardente e encheu as chcaras de café.

Immunisados dum resfriamento, subimos á *Kananga*, onde, no topo da escada, o sr. Paiva, sentado a uma pequenina

mesa cobrava os ingressos que eram estipulados ao mesmo preço dos co-irmãos.

Assim que reconheceu Cabrocha, o saudoso Paiva acolheu-o com um sorriso e, quando entreguei-lhe uma cedula de dez mil réis para pagamento das nossas entradas, gentilmente recusou receber qualquer quantia, pois que o meu companheiro era considerado “camarada velho” e “mandava” no club.

Apresentando-me ao finado presidente do “Excelsior Club”, ainda esta vez cumulou-me de referencias elogiosas e o costumado “moço inteligente”; “escreve p’ros jornaes”, saiu em meio de minhas muitas qualidades, que elle exalçou com prodigalidade – entre parenthesis – prodigalissimamente.

Felicitando-me pelos muitos titulos mencionados, informou-me que a “Kananga” era frequen-

[81]

tada por muitos chronistas carnavalescos e jornalistas varios, dentre os quaes, o dr. Jorge Santos, naquella epoca director d’*A Rua*, que primava pela assiduidade.

Acompanhando-nos á chapellaria onde, ao entregarmos os chapéus, avisou ao encarregado deste serviço que “eramos de casa”, o que equivalia a dizer que nada deveriamos pagar, encerrou a recepção, pois que a affluencia de frequentadores e a fiscalisação em geral exigiam a sua presença.

Inteiramente a gosto pela fidalga acolhida que nos dispensou o director da sociedade, voltámos ao salão das dansas.

Num palanque ao fundo do salão, estavam alojados os músicos, onde ao piano via-se o applaudido Bulhões, o “rei das valsas”.

O salão apesar da intermitente chuva que continuava caindo, estava *au grand complet*. Vivia uma das suas noites de grande concorrência.

Como louvasse a vasta assistência que, dada a inclemência do tempo, me surpreendia, Cabrocha, rindo, desfez o meu espanto, alludindo ás grandiosas festas que alli se realisavam seguidamente:

[82]

– Voce ainda não viu nada. Eu já vim aqui a uma festa de São Jorge, que tinha gente “p’ra cachorro”.

E continuou:

– Nesse dia a musica estava “p’ra cima de superior”. Veio o Bulhões, o “Manoel da Harmonia”, o “Béquinho”, o Masson e uma porção de “cabras”, bom p’ra manobrar no piano”.

– Mas só a presença desses pianistas assegurava o exito da festa.

Abanou a cabeça e, discordando, retrucou:

– Não é isso, não, “seu” Jota. O Paiva tem cotação com a “tropa” e sabe “temperar” uma festa... Você está vendo aquella morena alta, de vestido côr-de-rosa, que está dansando com aquella “malandro”, toda “se abrindo” p’ra elle?

– Estou. E’ um “taco”.

– Pois olha, ella dansava no *Fenianos do Engenho de Dentro*, e agora “tá dando” p’ra dansar aqui... Ella..., e sem concluir, desatou a rir.

Esta interrupção seguida dum riso mordaz, que escondia certamente algo de indiscreção, aguçou a minha curiosidade:

- Ella, que?!
- E’ um negocio...
- Que “negocio” é esse?

[83]

Depois de muito excusar-se, satisfez-me:

– Aquella morena, eu não sei se é verdade; mas... mas... dizem que tem uma navalhada num logar exquisito...

E, chegando a bocca ao meu ouvido, concluiu com clareza.

Deste modo fiquei sabendo que a moça em questão fôra ferida á navalha pelo amante, numa das nadegas, e elle, baseado em informações *de visu*, affirmara-me ser a esquerda.

Ella, notando que, talvez por influencia da conversação, olhassemos para aquella parte do seu corpo, dansando sempre, emprehava-se em fazel-a sobresair, requebrando-se ao som do samba executado.

Pouco antes de terminar a contra-dansa, um dos directores, subindo ao palanque, fez o conjuncto interromper bruscamente a execução, exclamando:

– Meus senhores! Não se “espante”... Depois deste sambinha “leve”, as meninas “ao paraiso”!

Um galope circense, finalizou o samba, encaminhando os dançarinos para o *buffet*, sendo que a maioria dos cavalheiros, abandonando as suas *partners*, deste modo, fugiam da anunciada viagem ao Eden das bebidas, não havendo a

[84]

proibida Arvore da Sabedoria, substituía-a, afugentador, o elevado preço das bebidas, cobrados em excesso.

Em meio dos “viajantes” aproximou-se de nós uma rapariga cor de jambo, *sympathica* e insinuante, que, graciosamente, segurando-nos pela lapela e entretendo-se riscando-a com a unha do indicador, pediu humildemente:

– Cabrocha, você vai pagar uma “Cascatinha” p’ra mim, sim?

– Não sra. Cadê” o seu cavalheiro?... Elle é que tem de pagar, respondeu Cabrocha, recusando-se.

– Deixa de “coisa”. Aquelle “almofadinha” que dansou commigo é um “promptão”. Assim que acabou elle “deu o fóra”.

Cabrocha, irreductivel, replicou que assistia á ella o direito de exigir do seu companheiro de bailado a satisfação do seu desejo. Porém, manhosamente, ella conseguiu demovel-o, envaidecendo-nos:

– Isso é que nunca. Essa confiança é que eu não dou a esses p...

E, sem acanhamento, proferiu o nome vulgar, pelo qual são conhecidos os jovens que se entregam

a pratica do onanismo, para finalizar offerecendo-nos o braço convidativa:

– P’ra pedir eu peço ao Cabrocha ou a um amiguinho que mereça essa confiança, assim como esse moço, seu amigo, disse fitando-me com um olhar garoto.

Victoriosa, conduziu-nos ao *buffet*, havendo, antes de sentarmo, a indefectivel introdução de relações, feita com a mesma abundancia de referencias economiasticas.

A recém-apresentada, cujo nome de Ondina condizia bem com a leveza do seu physico, muito proprio de uma filha das ondas, encerrando o desfile das minhas muitas qualidades que Cabrocha decompunha convincente, offendendo a minha modestia e “caceteando-a”, synthetizou:

– Já sei. E’ um amigo de você... Não precisa carregar nos “élogios”... Você só conhece gente boa: o “seu” Jota, a “inlustrissima” d. Ondina, etecet’ra e tal...

Rimos da conclusão logica da jovem e, elevando os copos, imergimos as nossa excelencias.

Conversavamos, quando, olhando de relance, surpreendi, noutra mesa, do lado opposto á nossa, um jovem de estatura apreciavel, olhos vivazes, que, conversando com uma mulher de physio-

nomia cansada e inexpressiva, se desfazia em ademanes, sibilando as palavras, afeminando-se no todo.

Cabrocha, avistando-o tambem, cumprimentou-o acenando numa continencia estylista a mão direita, tendo o referido moço correspondido com commedimento.

Arguta, na sagacidade do seu sexo, alcançou a minha estranheza ante aquelle rapaz afeminado e, com malicia, indagou:

– Você não conhece o João Caruso?

– Não.

– Não conhece, o que!

– Francamente, não o conheço.

Certa que de facto não tinha relações com o alludido Caruso, identificou-m’o:

– Aquelle é o João Caruso. Um “maricon” conhecido...

Cabrocha, participando da informação, additou:

– Elle tem um primo que tambem é “bichinho” – o Americo.

– Aquella mulher é a “amiga” delle.

– Elles dois moram na rua Marquez de Abrantes...

[87]

– Você sabe que elle se casou?

Ante a nossa ignorancia, Cabrocha esclareceu com minucias que o referido “moço bonito” noivara com uma moça lá para as bandas do Morro da Providencia, casando-se,

para ser abandonado mezes após pela esposa, em vista da sua esterilidade e por força dos escandalos da sua afeminação.

Ondina ria-se às bandeiras despregadas do relato que fôra feito clara e detalhadamente, sem reservas, exclamando:

– Essa é boa!... “Tá” gosado!...

Estava o Freitas, iniciando a série dos seus sucessos de musicas carnavalescas com a marcha “Eu vi você bolinar Lili”, então na intensidade de sua popularização, e, quando a *jazz* espalhou os primeiros compassos da introdução dessa marcha, Ondina, participando do alvoroço ambiente, levantou-se lepida e carregou-me pelo braço ao salão, afim de participarmos das dansas, enquanto Cabrocha, que ficára pagando a despeza, exigia:

– O *bis* é meu! O *bis* é meu!

Verdadeiro entusiasmo empolgava os dansarinos que, unisonos, delirantes, acompanhavam a orchestra, cantando com força e expressão:

[88]

“Eu vi!
Eu vi!
Você bolinar Lili...”

Ondina, integrando o côro folgazão, cantava ao meu ouvido, intencionalmente o *refrain*, beliscando-me o braço para figurar a “bolinação”.

Cabrocha, que apressadamente deixara o *buffet*, a um canto do salão, fazia-nos repetidos signaes, querendo

expressar-se naquella mimica que estava vigilante pelo *bis* antecipadamente concedido.

Com effeito, logo que a orchestra, fechando o numero com os derradeiros accordes do complemento final da canção carnavalesca, e uma chuva de palmas expontaneas, exultantes, reclamou a sua repetição, Cabrocha, numa impolidez intima, confiante, libertou Ondina dos meus braços.

– Não, “caboco”, agora quem vae bolinar a Lili, sou eu.

Sem descansar, os musicos recommçaram a execução, e os mesmos pares, sem vislumbres de fadiga, circulavam pelo salão em passos cadenciados, rodando e cantando sempre.

E o baile proseguiu numa animação permanente. Ondina dansando, ora commigo, ora com

[89]

o meu companheiro, “ficando por nossa conta”, como lhe pedira Cabrocha, encheu-nos a noite com a sua amabilidade e indiscreções.

Quando pelas quatro horas da madrugada, deixamos a *Kananga*, despedindo-nos da gentil collega de noitada dansante, que, aguardando o seu amante que a iria buscar ao finalizar o baile, não nos podia acompanhar, ainda reinava o mesmo entusiasmo de inicio.

Antes de nos recolhermos, fomos ceiar no *Café Portas*, na Praça da Republica, um dos poucos que se encontravam abertos áquella hora.

Sentamo-nos e, quando o empregado com as cafeteiras na mão, retirando os pratos do bife que antes havíamos

comido, perguntou se desejavamos tomar a rubiacea simples ou addicionada de leite, Cabrocha expressou-se solemne:

– A’ ingleza!

Extranhando este pedido, pois que o meu amigo, já por varias vezes, me havia dito que apreciava o café simples, sem leite, perguntei-lhe se mudara de predilecção, ao que elle me esclareceu:

– Não; assim é mais bonito. Dá mais importancia...

[90]

Achei graça da vaidade de Cabrocha e, separando-nos á porta do Café, quiz demonstrar tambem os meus requintes de estrangeirismo, correspondendo com um *au revoir* caprichoso e somante o “até amanhã”, commum e muito nosso que elle me dera.

[91]

NO “PERFEITA UNIÃO”

Após o baile da *Kananga do Japão*, Cabrocha passou cerca de quinze dias sem avistar-me.

Procurei-o varias vezes no Largo de São Francisco, onde, commumente, á tarde, o encontrava conversando com as suas amiguinhas, “solando com as cabrochas”, como elle dizia, não o achando. Via o Procopio, o Waldemar, o Orbilio, o Benedicto e todos os outros, porém Cabrocha continuava faltoso, e a sua ausencia causava-me especie.

Uma tarde, o Leitão informou-me que o meu companheiro de “farras” estava namorando assiduamente:

– Elle está “bom de amor”! Arranjou uma “deusa” lá na Penha, na “Lipoldina”...

[92]

Soube então que Cabrocha estava preso duma paixão *enragée* por uma graciosa mulatinha, residente na Penha, o longinquo suburbio, onde a milagrosa santa, do alto de sua igreja, distribue graças e favores aos seus fieis, que, agradecidos, no mez dos seus festejos lhe levam enormes velas, flores, etc.

A Penha que o sambista, impedido de visital-a, pede ao collega que leve um braço de cera, sua divida para com a

santa. A Penha dos barraqueiros, dos “páus-d’agua”, dos conflictos...

A interrupção do nosso convívio não excedeu de duas dezenas de dias, e Cabrocha foi surpreender-me entre uma “sopa de legumes” e um “bifesito mal p’ssado”, na pensão do “seu” Manoel, onde eu almoçava.

Jovial e alacre, sem acanhamentos, no seu feitão de bohemio e gosador, atravessou a sala de refeições e, vindo sentar-se numa cadeira ao meu lado, exclamou:

– Vim “filar a boia” e fazer uma visita ao camarada velho”!... Em primeiro lugar a visita...

Autorisado por nossa intimidade, censurei-o pela abstracção que vinha encerrar com esta visita, e Cabrocha, com uma desfaçatez elogiável e convincente, defendeu-se:

[93]

– Não estou rico, não... Eu estive meio “enguiçado” com uma constipação.

– Você está mentindo.

– E’ serio... Palavra.

– E’ mentira, “seu” Cabrocha.

Insistindo, obstruindo o arazoamento da mentira que elle procurava engendrar, descrevi detalhadamente tudo quanto sabia da sua nova aventura amorosa e, muito justamente, accrescentei um “ponto” ao meu conto.

Attonito deante desta revelação que talvez com a illustração dos detalhes perdesse algo de sua fidelidade, mas que trazia na sua essencia a verdadeira causa da interrupção

da nossa contiguidade, não treplicou e, descansando a colher, inquiriu:

– Quem foi que “te” contou isso? Você é aguia, “seu” Jota... Quem foi que “te” contou isso?

– Eu sonhei...

– Vá amollar outro... E’ serio... Quem foi que contou?

– Foi o “meu dedinho”...

Louvando a minha argucia, insistindo sempre pela pessoa do delator da sua nova conquista, que elle desejava ficasse em sigillo, dada a duplicidade de namoradas em que se encontrava, resolveu confessar o seu delicto:

[94]

– E’ isso mesmo... A gente pensa que está solto e os “cabras estão manjando a gente”...

Em confissão plena e sincera, poz-me ao corrente da empreza amorosa nascida naquelles quinze dias anteriores num trem da Leopoldina, o que o obrigara a faltar aos seus pontos habituaes, pois que a sua nova amada era “muito negocio, muito vantajosa”...

E as grandes vantagens, o rendoso negocio, verdadeiro “negocio da China” – se é que na collossal republica oriental se realisam negocios tão immoraes e tão requintados de escabrosidade – foram relatados entre gargalhadas lubricas, minuciosa e consubstanciosamente.

Após o almoço, para o qual Cabrocha parecia haver reservado um appetite optimo e inexigente, como perguntasse

qual a “farra” que ia empregar para o sabbado proximo, respondeu:

– Pois foi bom você falar nisso... Lá perto de casa da pequena, na Circular, tem um baile que parece que “dá futuro”... E’ um “mil e cem”, lá num morro... Vamos lá sabbado?

– Podemos ir.

– A coisa parece que é boa, porque vem gente de Botafogo, Lorangeiras... Aquellas empregadas do Cattete e do Flamengo, todas, veem...

[95]

Afrouxou um pouco o cinto e atirou fóra o palito – affirmação solida de uma boa refeição, e proseguiu:

– E’ um tal de *Perfeita União*... Tem lá um “mafuá” de leilão de cravos, mas a gente “passa”.

– Sim, “passamos ao largo”, não é isto?

– “O’ raites”

Elle esperar-me-ia das dez e meia ás onze horas na estação de Penha-Circular, após a visita á sua “morena”, que seria encerrada ás dez da noite.

Justos e accordados, numa combinação solida e impermeavel, que mesmo em caso de chuva se realisaria, despedimo-nos.

Cumprindo as clausulas do nosso contracto, ás 22 horas chegava eu á estação Barão de Mauá e, alojado num carro de primeira classe, limpo e regularmente illuminado, dahi a quinze minutos iniciava-se a minha jornada para mais uma

nova “farra” em que iam visitar uma sociedade recreativa, cujo nome de *Perfeita União* deveria ser, certamente, uma satyra ou profunda ironia á humanidade sempre na mais perfeita desunião e antagonismo.

Que me contestem os bolinas...

O carro em que viajei ia completamente lotado, havendo ainda o excesso de dois ou tres

[96]

passageiros que viajavam em pé por alta de lugares.

Lembrei-me da affirmação de Cabrocha de que o referido gremio era frequentado por um grande numero de empregadas de Botafogo, Cattete e adjacencias, e, numa rapida inspecção, constatei a veracidade do affirmado.

Muitas creoulas e mulatinhas, na sua faceirice feminina, deixando transparecer no exagero dos seus modos a cosinheira perita, que sabe preparar uma gallinha ao molho pardo, ou a ama solícita que pageia o garoto trefego e irrequieto, viajavam no mesmo *wagon*, quasi todas acompanhadas do namorado, que, excedendo-se em gentilezas, fechavam a vidraça para evitar o alojamento de argueiros nos olhos da sua amada, ou offerciam-lhe a capa para que se agasalhasse do frio que o trem na sua marcha provocava.

Parallelo ao meu banco sentou-se um crioulo, todo vestido de branco, ao lado de uma mulatinha gorda e baixa. Elle fumava um grande charuto e de quando em quando,

atirava sobre o rosto da namorada grossas baforadas de fumo, que a moça, abanando a mão, procurava evitar, exclamando:

[97]

– “Tá” quieto!... Não faz isso!

E o crioulo continuava a incensal-a com fumaradas, enquanto sua eleita, com voz docil, repetia:

– Não “faz” isso! Eu joga isso fóra!

E elle ria-se... A mulatinha ficava sizuda, contrahia o rosto expressando um aborrecimento e, pouco depois, ambos riam francamente...

Observando essa galanteria infantil, pareceu-me rapida a viagem, pois, dentro de alguns minutos, chegava a Penha-Circular, ponto terminal da primeira secção dos suburbios da Leopoldina, onde a locomotiva, largando a composição, descreve uma circumferencia para vir collocar-se do lado opposto, prompta para tornar ao ponto de partida.

Deve ser esta manobra ferroviaria a razão do nome da estação.

Actualmente, a Estrada adquiriu um novo typo de machinas – as “Ramonas”, como as baptisaram os passageiros – que teem a grande vantagem de desenvolver a mesma velocidade em qualquer sentido que trafeguem, de frente ou de costas, mas cujo jogo de rodas não descreve o gráu de circumferencia de manobra, que passou a ser feita em linha recta.

[98]

Mas, por conservação e economia, continua o nome de Penha-Circular.

Saltando encontrei Cabrocha que me esperava á saída, e seguimos a Estrada Braz de Pinna, por onde tambem, á nossa frente, caminhavam apressadas algumas das minhas companheiras de viagem, que pareciam anciosas por chegar á festa.

Apontando-m'as, Cabrocha disse:

– “Tás” vendo quantas “pastoras” veem lá da cidade?

– Estou. Muitas vieram no mesmo carro em que viajei.

– Todos os sabbados vem uma porção dellas. Vão p'ro *Paraiso da Infancia*, p'ro *União da Mocidade* e p'ro *Perfeita União*...

– Estas tres sociedades são visinhas?

– São... No Carnaval ellas saem e vão lá p'ra Avenida disputar com o *Resedá*, o *Abacate*...

Caminhando sempre, conversavamos sobre as grandes porfias dessas aggremações nas epocas carnavalescas, quando cada qual, no “Dia dos Ranchos Leopoldinenses”, que o chronista carnavalesco “Mysterioso” instituiu, se apresenta ao julgamento fidalgamente vestida, com enredos maravilhosos e estudados – sacrificio de inumeros associados, operarios pobres, que, na loucura car-

navalesca, empolgados pela competição folgazã, cometem irresponsabilidades financeiras, com graves prejuízos para a sua prole.

– Raciocínio carnavalesco! conclui com philosophia.

Após uma marcha ininterrupta de cerca de vinte minutos, por uma estrada sem calçamento, embora iluminada, sem qualquer espécie de condução, chegamos à esquina da rua onde tinha a sua sede o club que iam visitar.

Esta rua, escura, quasi intransitavel, devido ao espesso mattagal que allí germinava, tendo ao centro, causada pelas chuvas, uma grande erosão, que servia de vala e escoadouro de aguas servidas, apresentava como unico caminho uma trilha estreita, em zig-zag.

A custo subimol-a, e então se nos apresentou a sede da sociedade – uma casa simples e grande, ao centro de um terreno illuminado por gambiarras e enfeitado de bandeiras em papel de côr.

A’ porta, um crioulo com uma camisa verde e um gorro cor-de-rosa caído sobre anuca cobrava os ingressos.

Entramos. O conjuncto musical, alojado num coreto á frente do salão que, não sendo encerado e desprovido de apresentação artistica, era, comtudo,

[100]

de grandes dimensões, executou uma marcha vibrante e solemne, que Cabrocha exclamando acceitou como homenagem a nossa presença:

– Salve, “seu” Jota! Essa é a marcha oficial. Quando chega um “seu” Abob’ra das cidades, a musica toca isso...

Ri em conjuncto com Cabrocha da sua ironia.

Os dansarinos, crioulos quasi todos, num *ragtime* bizarro e imponente, circulavam o salão, orgulhosos na sua pose, batendo com os pés fortemente; olhavam-nos resabiados e com estranheza.

O numero executado foi breve e, apesar dos insistentes *bis*, não foi repetido...

– Senhores cavalheiros, “pode” figurar!

No meio do salão, com um lindo cravo vermelho, muito rubro, na mão direita, solemne e autoritario, um crioulo alto e forte, assim gritando, ordenava aos dansarinos a escolherem as suas damas.

Eu e Cabrocha convidamos duas creoulinhas que, prontamente acquiesceram ao nosso convite.

Os cavalheiros “figurados”, de braço com as damas que escolheram para a contra-dansa que ia ser executada, formaram um semi-circulo no meio do salão. E o mestre-sala iniciou o leilão da flor,

[101]

com humorismo e mordacidade, provocando a competição:

- Quanto dão pelo lindo cravo?
- Seis “tostão”!
- Setecentos, p’ra dansar “todo mundo”!
- Dez “tões”, p’ra dansar a “deretoria”!

Cada qual apresentava um lance maior, impondo as condições de arremate. Uns, mais liberaes, permittiam que todos dansassem; outros, egoistas, restringiam o numero de participantes da contra-dansa que a compra da flor lhes concedia o direito de dispôr.

Cabrocha resolveu participar da disputa e lançou com ironia:

– Mil e quinhentos, p’r’os musicos dansar!

O leiloeiro, rindo, repetiu:

– Mil e quinhentos, p’ra musica dansar!

Os musicos, ouvindo a homenagem que lhes prestavam, explodiram numa gargalhada que reboou no salão.

– Dois mil e cem, “dansa” dois pares!... Dois mil, o resto não dansa!... Dois mil e cem, “dansa” dois pares!...

Assim, reaffirmando, o leiloeiro entregou o cravo ao arrematante e ordenou ao conjuncto que executasse uma valsa.

[102]

O crioulo que conseguira a victoria no leilão, orgulhoso, esperando que a sua companheira prendesse na blusa o cravo que elle adquirira, convidou um seu collega para participar da valsa e, ambos, rodopiando sempre, circulavam o salão seguidos pelos olhares dos que eram impedidos de tomar parte na contra-dansa.

Cabrocha, tão relacionado nesta esphera recreativa, não encontrou no *Perfeita União* um só conhecido, o que, comtudo, não nos trouxe acanhamento ou embaraço, pois,

arrematando pouco depois uma rosa, elle offertou-a a uma portuguesinha corada, recém-vinda da sua terra, e que era empregada “na casa do sinhoire Amarale, no Flemengo”, e alli fôra levada por uma sua collega de trabalho.

Insinuante, elle conseguiu atrahir a lusitana e sua alludida companheira para uma conversa *á quatre*, num canto do salão, emquanto os demais convivas se degladiavam em lances para a aquisição de um novo cravo que estava sendo apregoadado.

Adelaide – era este o nome da portugueza – expansiva, falou-nos com saudade da sua aldeiasinha pobre e laboriosa, onde nas noites de Santo Antonio e São João, sob o clarão da lua se realisavam as “descantadas” e as “desfolhadas”; onde um

[103]

fado soluçante e plangente, na simplicidade do seu dizer, vae accordar emotivos nos corações das “cachopas” e das “saloias”.

– Aquillo é qu’era uma brincadeira!... Uma p’ssoa á guitarra.

– Qual! Então não sei! Ella diz isso por causa de que inda não viu o Carnaval...

Interrompeu-a contestando a Maria, sua collega, uma crioula feia e quasi analphabeta que nascera em Tabôas, e que, segundo a sua expressão, “era maluca pelo Carnavá”!

Cabrocha, gosando a divergencia das duas amigas, cada qual querendo trazer para o seu paiz a supremacia dos festejos populares, alliou-se á brasileira, intervindo na polemica:

– Tém paciencia D. Adelaide, mas esse negocio de “fadito” e “canninha berde” é muito bonito lá p’r’o “seu Manoel da venda”!... A gente “passamos” nisto.

Adelaide quiz oppôr os embargos, mas um samba buliçoso e convidativo encerrou os debates e a lusitana, ainda não sabendo a nossa popularissima polka, atrapalhando-se a todo instante, conduzida por Cabrocha, ingressou entre os dansarinos.

[104]

Acompanhando-os, dansei com a Maria, a collega da portugueza, a creoulinha para quem o Carnaval era a melhor festa brasileira.

– Meus senhores, não se “desfigure”!

Novamente, o director das dansas, com a mesma pose anterior, interrompeu o samba, quando este mais empolgava os dansarinos.

Obedientes, respeitadores, num *arreté* marcial, interromperam a um só tempo as dansas, e cada qual, attendendo a ordem, de braço com a sua companheira, não se “desfigurou”.

Musicos, dansarinos, espectadores, todos parados, parodiando aquelle celebre annuncio d’*O Camiseiro*: “parem os bondes, os automoveis, os aeroplanos!... fique suspensa a propria natureza”... aguardavam a conclusão da ordem, o que

foi feito imediatamente: –... Esta contra-dansa tem um “pequeno sucesso”!

Scientificados, os pares reencetaram o samba: uns, constrangidos pelo “sucesso” que, em prejuizo dos seus parcos capitaes, se annunciara; outros, animados, alheios ao estabelecido.

Em cumprimento á determinação, Cabrocha e eu levávamos as nossas damas ao *buffet* installado nos fundos da séde.

[105]

Ao sentarmo-nos, perguntando a Maria o que desejava beber, automatica e promptamente, ella respondeu:

– Uma “Fidarga” e dois “pasté”!

Adelaide nada quiz acceitar:

– Não “m’aputece bebeire”. Aos demais estou...

Sem concluir, fez um movimento desengonçando a mão esquerda, o que bastou para nós comprehendermos que a moça estava no periodo de menstruação, abstando-se por este motivo de bebidas geladas.

A Fidalga, os dois pasteis e outras cervejas “sem linhagem” foram pedidas durante a nossa estada no *buffet*, que foi breve, pois as moças, pedindo “licença p’ra ir lá dentro”, encerraram-na em poucos minutos.

E logo que ellas se retiraram, Cabrocha deu largas á sua critica, até então a custo reprimida:

– Que “bichinha avoadora”!... Só se “passa p’ra Fidarga e pasté”...

- E’ de sangue azul.
- “Te” fez de “ota”!, disse-me desmanchando-se em gargalhadas.

[106]

- Você estava de sorte.
- Si, si. A “portuga” estava de “viagem”, senão eu tinha que “morrer” no “binho albaralhão”...

Rimos ambos, encerrando os commentarios.

A’s quatro horas da madrugada, após termos sido inadvertidamente attingidos por outros “sucessos”, embarcavamos no Penha-Circular e, recostados, com as pernas estendidas sobre o banco em frente, a exemplo de outros passageiros; incivil, mas muito mais commodamente, voltamos da sociedade cuja perfeição de unidade estampada no seu nome, não foi por nós alcançada em nenhum dos reflexos da festa que vinhamos assistir.

Cansados, em pouco dormiamos a somno solto, quando uma sacudidella vigorosa interrompeu o nosso repouso, e o conductor, batendo o picotador, pediu:

– As suas passagens.

– Já entregámos.

– Não é possível. O trem saiu aogra de Barão de Mauá.

Embarçados, espiámos á janella; estavamos de volta á Penha e, após pagarmos a multa, preparámo-nos para saltar em Triagem.

[107]

Procurando os nossos chapéus, surpresos, não os encontramos. Cabrocha, sem perder a sua bonhomia, exclamou:

– “Seu” Jota, os piratas “afanaram” os nossos bons “palheiros”!

– E’ verdade, confirmei...

Sem chapéus, fomos aguardar um bonde em frente ao Hospital Central do Exército, razão pela qual, Cabrocha, assim que se iniciou a moda da “calva á mostra”, afirmava, sermos nós os precursores da inovação hoje tão generalizada, por força dos seus efeitos economicos.

[108]

[EM BRANCO]

[109]

A TURMA DO “PONTO CHIC”

Os “farristas”, aquelles que se prezam em ser da “orgia”, os que são da “fuzarca” e não o negam, pelo contrario, disto se orgulham e fazem alarde, sabem que um bohemio se não pode abster de um chapéu de palha, dum “palheiro” commumente dito.

Se a sotaina não faz o monge, o chapéu de palha, o terno de *palm-beach* e os sapatos inteiriços de pellica quando não se possam fazer o “farrista”, conseguem identifical-o facilmente.

Portanto, Cabrocha em vista do “descuido” de que fomos victima, estava na necessidade de comprar um novo “palheiro”, e eu, como seu logar-tenente e companheiro de noitadas, *ipso facto* que tambem o deveria fazer.

[110]

Attendendo a sua telephonema, fui encontral-o na rua do Ouvidor, em frente a Casa Vieira Machado, ás dezesete horas da terça-feira seguinte:

Primando sempre pela pontualidade nas suas entrevistas, quando cheguei, cinco minutos após a hora aprazada, á esta conhecida casa de musicas, já lá estava o meu companheiro

em meio dos muito musicistas que alli se reuniam todas as tardes. Num grupo bem ao centro da larga porta, via-se o Van Tuyl, o Carlinhos, o “Bisóga”; noutro, o Benedicto, o “Pequenino”. Todos musicos, falando de musica e sobre musica.

E o Ubirajara, alegrando a assembléa, executava na ortophonica os sambas e *foxes* de actualidade.

– Vamos comprar os “palheiros” aqui na rua Uruguayana, numa casa que vende barato, disse vindo ao meu encontro.

Fiz menção de encaminhar-me para esta rua mas elle deteve-me:

– Espera um pouquinho. Vamos escutar esse *black* que é “da ponta”.

Emquanto ouviamos esta musica, Cabrocha fazia-me a apresentação dos filhos de Euterpe alli em conclave:

[111]

– Conheces aquelle que está alli no canto?

E indicou-me a um canto da porta desta casa um senhor baixo, de meia idade, alheio aos commentarios que alli fervilhavam:

– Não.

– Aquelle é o “Costinha”, o que fez aquella marcha “Quem paga é o coronel”... Você se lembra?

Para accordar-me a memoria modulou em voz baixa alguns versos dessa canção carnavalesca que tanto se cantou e agradou.

– Lembro-me, sim, respondi encaminhando-me para a Chapelaria.

De facto lembrara-me mais do que das simples estrophes que elle tão acertadamente compuzera: “Almofadas elegantes, melindrosas retumbantes”, chupando o doce mel das flôres que a vida facil se lhes offerece e o “coronel” velho, obesso, pagando sorridente, pagando com prazer, pagando sempre.

Cabrocha que vinha rebuscando os bolsos, já na rua Uruguayana, pelas proximidades da Pharmacia Moura Brasil, apresentou-me um bonito cartão que tirou de dentro do envelope que finalmente encontrara em meio de outros papeis.

[112]

– Eu estive com o Waldemar. Elle me deu este convite p’ro baile do Procopio, finalisou entregando-me o castão.

– Qual Procopio?!

– O Procopio Abedé... o tenente Procopio, da rua João Caetano... Elle é o presidente da *Turma*.

O convite caprichosamente impresso em tinta côr de ouro, tendo do lado esquerdo um interessante chromo em alto relevo, era encabeçado pela denominação do grupo: *Turma do Ponto Chic*, que, convidando, numa redacção fidalga e muito amavel, dizia sentir-se “honrada com a presença” do convidado á grande *Soirée de loups* que se realisaria no sabbado, vespera de Carnaval, á rua do Riachuelo.

Como eu ainda não conhecesse esta aggremação, Cabrocha informou-me que a *Turma* era um conjuncto de

recreativistas que se reuniam no Largo de São Francisco, sendo presidida pelo popular Procopio Abedé.

Todo rapaz “da côr”, conhece a *Turma...* concluiu encerrando a illustração.

Depois de termos comprado os chapéus despedimo-nos, ficando combinado que o encontraria no referido baile, depois das vinte e tres horas, tendo

[113]

antes presenteado-me com o convite para elle dispensavel, por ser “cotado com o pessoal”.

*

**

Neste sabbado gordo chovia, embora com pouca intensidade, mas, certo de que Cabrocha não revogaria uma festa por motivo de máu tempo, dirigi-me á rua do Riachuelo onde cheguei ás vinte tres e meia horas, quando o baile ia em plena animação.

Apresentei o convite ao director que á porta recebia os convivas e, quando dispunha-me a ingressar no recinto das dansas, elle interceptou-me confiante:

– São cinco “mangos”, disse fazendo um signal com os dedos indicando dinheiro.

Surprezo, pois suppunha que o convite fosse gracioso ou já houvesse sido pago por quem me offertara, satisfiz o pagamento exigido.

Em chegando ao salão, cedido por uma Associação Israelita que alli tinha a sua séde, e, em cujas paredes, adornando-as, viam-se estampados varios signos de Salomão, a *jazz* que acabara de executar uma contra-dansa, fazia um pequeno

[114]

intervallo e os convidados espalhados pelo salão, em grupos, conversavam e riam.

Quasi todos fantasiados, crioulos e mulatos, divertiam-se á vontade, sem acanhamentos, gesticulando muito e dando francas gargalhadas.

Num angulo do salão literalmente cheio, Cabrocha de kimono estampado e bonet vermelho e branco, conversando com duas mulatinhas fantasiadas á Maria Antonieta, com caprichosos vestidos de organdy verde, muito compridos e cheios de gomme, armados como um balão, só se apercebeu da minha presença quando batendo-lhe de leve no hombro, interrompi a sua agradável palestra.

– Sim, senhor, “seu” Jota! exclamou abraçando-me.

E expansivo indicou-me uma das suas interlocutoras, a mais baixa:

– A Juracy, minha amiguinha... Nossa, nossa, repetiu emendando-se.

Apresentou-me a outra:

– A Yolanda, a “Filhinha”, tambem nossa camaradinha.

Segurou-me pelo braço e encerrou as apresentações:

[115]

– O Jota Efegê, meu amigo, rapaz distinto...

Vacillou um pouco e accrescentou:

– Amigo de vocês, também.

As moças entreolharam-se com malícia, esboçaram um sorriso, estendendo-me as mãos, afastaram a dualidade da palavra, gryphando o diminutivo:

– Nosso *amiguinho*... Obrigada.

Cabrocha, intimo de ambas, compreendeu a refutação do termo, e censurou-as amistosamente:

– Vocês são muito “maliciosa”. Vocês compreenderam “logo p’ro mal”.

Os músicos afinando os instrumentos, preparavam-se para um novo número e tendo eu solicitado Juracy para a contra-dança que se ia executar, ella excusou-se polidamente:

– Ah! “seu” Jota, “me” desculpe-me, esta eu vou dançar com aquelle rapaz.

E apontou-me um crioulinho fantasiado de marujo *yankee*, tendo no gorro, escripto em caracteres grandes – “Gostoso”.

Cabrocha e Filhinha que acompanharam com o olhar a indicação de Juracy, lendo esta palavra riram.

Brincalhão, na intimidade que gosava, o meu companheiro perguntou-lhe:

[116]

E’ gostoso mesmo?

– Não sei, “pergunta a elle”, respondeu Juracy fazendo-se envergonhada.

Já os primeiros compassos duma marcha enchiam o salão, e o Gostoso vindo buscar a nossa companheira encerrou a conversação.

Cabrocha requintando em gentileza, em vista da excusa de Juracy offereceu-me o seu par, a Filhinha, o que eu não accitei.

Os musicos cantando com vivacidade, fazendo macaquices, espalhando-se pelo salão em meio dos dansarinos, animavam o baile, e todos numa alegria communicativa, recebiam condignamente o deus da galhofa, que já iniciava o seu imperio entre os cariocas.

Eu, sem dansar, apreciava os innumerous pares que passavam, cada qual mais preocupado nas suas choreographicas: uns, desordenados, batendo os pés, tremendo o corpo; outros, elegantes, methodisados, orgulhosos; todos alegres e exultantes.

Procopio de paletot de pyjama, dando ordens, dirigindo amabilidades as damas, attendendo aos convivas, fazia um presidente *comme il faut* – captivante e diligente.

Uma crioulinha fantaziada de japoneza, qual *geisha* de ebano, dava a nota humoristica do baile,

[117]

cantando com a bocca desmesuradamente aberta e revirando os olhos, horrivel e assustadoramente.

Uma, duas, tres vezes a *jazz* repetiu a marcha, e sem esmorecimento todos continuavam dansando exultantes e satisfeitos, cantando sempre:

“Bolina,
Bolina,
Cae fóra do salão...”

E uma chuva de palmas, farta e expansiva, coroava os accordes finaes, insistindo sempre:

– *Bis!... bis!... bis!...*

Terminada a contra-dansa, voltamos a reunirmo-nos os quatro, naquelle mesmo canto de salão onde eu os aguardava.

– Então, “seu” Jota, está gostando do “fandango”? perguntou-me Cabrocha, limpando o suor.

– Está optimo.

– Isto aqui “dá cabrochas, á bessa”. Tudo isto é gente nossa, “do peito”, disse com um gesto largo mostrando os convivas.

– O Procopio “tem cotação” com essas meninas, ajuntou Filhinha.

– Tudo isto é gente do Procopio, reafirmou Cabrocha.

[118]

E, para convencer-me enumerou:

– Aquella mulatinha gorda de pernas grossas é a Anidia... Aquella outra que está perto della, mais alta e bonitinha é “irmã della”, é a Alahyde...

– Ellas são muito “emproadas”, ajuntou Juracy com o desdem proprio do seu sexo, no julgamento das collegas.

– Novos sambas e *foxes* deliciaram os dansarinos, e eu, numa intimidade sem reservas, que Cabrocha conseguira implantar, já me expandia com franqueza á Juracy que, a certa altura, interpretando mal uma phrase minha, respondeu em tom de censura:

– Que é isso, “seu” Jota! Você está “com muita força”.

Esta repreensão a mim, que de Hercules não recebi o menor influxo, surpreendeu-me, mas, attendendo-a, diminui a “força” que sem saber punha nas minhas palavras.

Um *fox*, um samba, outro *fox*, outro samba, e o baile prosseguia animado sempre. Depois de algumas contra-dansas, já eu sabia que a Juracy, dois dias antes, havia dado o “suite” no seu namorado porque queria “brincar o Carnaval”, o que elle lhe impediria por ser muito “chato”.

[119]

Já na primeira hora de domingo, quando a *soirée* estava no auge do enthusiasmo, um blóco de mais de vinte moças entrou pelo salão, umas atraz das outras, cantando e fazendo evoluções – Era o *Blóco do Amor* que vinha prestar uma homenagem á *Turma* composta de um grande numero de seus amiguinhos.

A chegada deste bando garrulo de mulatinhas, todas de fantasias eguaes, fez redobrar a alegria imperante e, os dansarinos interrompendo as dansas, receberam o blóco com palmas e acclamações, atirando punhado de confettis e

lançando serpentinas que cruzavam espaço em todas as direções emaranhando os assistentes.

Cabrocha aproveitando um momento em que as nossas colegas foram cumprimentar “umas camaradinhas”, que faziam parte do blóco instruiu-me.

– “Seu” Jota, nada de “chiquês”. Não vá “bancar o Estacio”.

– Porque?

– Essas meninas são “sabidas”. Não se paga “bia”, nem nada, sem... e piscou o olho accentuando com a cabeça.

Para melhor esclarecer informou-me que ambas eram suas conhecidas de ha muito e que, se

[120]

eu conversasse “direitinho” o “negocio” renderia.

Talvez o “negocio” já lhe houvesse dado grandes rendimentos, porém a maior renda que me proporcionou, não obstante o grande cuidado que tive de conduzir a conversação o mais “direitinho” possível, depois deste aviso, foi o prazer da companhia durante o baile, e o convite para sair num “sujo”, na segunda-feira, ás dez horas, que eu não pude acquiescer.

Revogando as suas disposições anteriores, após um samba, Cabrocha convidou-nos para “tomar umas “Cascatas” e, no *buffet*, foi-me participado que iríamos acompanhar as nossas companheiras á sua residencia, para o que Cabrocha já obtivera a necessaria permissão de Filhinha, em casa de quem Juracy estava passando os dias de Carnaval.

Numa mesa escondida numa recanto, estava um mulato alto, gordo, que com ar *snob* e superior bebia demorados goles de cerveja. Cabrocha ao avistal-o levantou-se e com uma reverencia elegante saudou-o. Elle correspondeu e, levantando-se veio á nossa mesa cumprimentar-nos.

Medido, solemne, estendeu a mão as nossas collegas esboçando um sorriso:

[121]

– Senhorinhas...

Depois, com gravidade e circumspecção:

– Meu senhor...

E para o Cabrocha, com affabilidade:

– Como passa o amigo?

– Bem... Vae “se indo”. E o doutor?

– Agora estou bem e fortalecido. Ha pouco tempo estive doente. Estive com “orchitizis”, concluiu pondo a lingua entre os dentes e sibilando o “zis” final, propositada e demoradamente.

Encerrado os cumprimentos, quando o mulato retirou-se, as moças que o olhavam de soslaio retomaram a intimidade interrompida, e Juracy com ar de desdem exclamou:

– Esse sujeito é “besta”!

– Dizem que elle é “adevogado”, additou Filhinha.

E Juracy replicando, com o mesmo ar de desprezo:

– Só se é “adevogado de bufeti”. Eu sempre “vejo elle assentado no bufeti”...

A's tres e meia horas da madrugada de domingo, quando já o Momo com todo seu sequito se avassalára da cidade, retiramo-nos em companhia das nossas amiguinhas para acompanhá-las á sua casa na rua do Paraiso.

[122]

Essa rua é situada no alto dum morro em Catumby, o qual dá caminho para Santa Thereza, e a sua ascensão numa madrugada após um baile e aggravada da chuva que cahira durante a noite, era o que se poderia chamar uma *via crucis*, e só mesmo Cabrocha faria que eu não me esquivasse de tal prebenda.

Logo que saltamos do bonde no largo de Catumby e começamos a subir a ladeira que inicia o caminho para essa rua, um guarda-nocturno, parado na esquina, nos deteve com intimidade:

- Onde vocês vão?
- Nós “vamo” p’ra casa, respondeu Cabrocha.
- Vieram da “farra”, hein!

E assim, caminhando comnosco, o vigilante encetou uma conversa longa, rememorando a sua epoca de carnavalesco, quando “o Carnaval tinha graça”, falando das disputas dos “cordões” na “Guarda Velha”, e dos conflitos consequentes.

Cabrocha, aborrecido, não gostando da companhia que tão expontaneamente nos fazia aquelle policial, de quando em quando, sem esconder o seu amúo, á força de alguma pergunta que lhe era feita, respondia secco, rispido:

[123]

– E’... Já sei...

As moças chegaram a sua residencia, despedimos-nos, e o vigilante, ainda amavel, desceu comnosco, sempre falando sobre Carnaval.

Cabrocha que agora tinha chegado ao auge do desespero, cortou a conversa decisivo e impolido:

– “Seu” guarda, nós “temo” pressa. Até logo, e accelerou o passo ladeira abaixo.

E, já no ponto do bonde, aguardando-o, ainda contrafeito, exclamou:

– Ah, “seu” Jota, se hoje não fosse Carnaval, eu tinha “embrascado” aquelle guarda!...

[124]

[EM BRANCO]

[125]

A FESTA DOS “2 DOIS”

Naquella tarde, quando me dirigia para a “paz do doce lar”, que, hoje em dia, com o cambio tão infimo, são necessarias grandes amarguras para conserval-o doce, afim de não invalidarmos o suave *Home sweet home* que os americanos, fartos de dolars e bizarrices, crearam, encontrei, no Largo de São Francisco, Cabrocha.

Ao lobrigar-me em meio daquella avalanche de gente que sobe e desce a rua do Ouvidor, aproximou-se e, tomando-me por um braço, carregou-me para o Café que faz esquina com esta rua e o Largo.

– Preciso muito falar com você... Temos uma “fandanga” para quinta-feira. Você tem que ir, “seu”Jota.

[126]

Após nos sentarmos a uma das mesas, como que illustrando a minha incompreensão deste convite, proseguiu:

– Como você sabe, quinta-feira é dia dos “2 dois”... A minha “garota” tem uma tia que mora em Irajá, e costuma ir festejar os “meninos”.

– Que negocio é esse de “2 dois”?...

– Ora, o Jota. Então você não sabem quem é “os dois”?... Fica “te batendo assim”, concluiu com um muchocho.

– Garanto que não sei. A menos que seja uma questão de arithmetica, em que 2 mais 2 são 4, ou 22.

Cabrocha riu do meu humorismo pythagorico, e continuou em tom de incredulidade:

– Não “venhas” assim, que eu não te recebo... Então você não conhece Cosme e Damião... Não sabe quem é “os meninos”?

– Sei... “Um sou eu, outro não sei quem é...”

– Bom, “seu” Jota. Vamos deixar de genuidades”... Eu sei que você sabe que o “pessoal chamam de 2 dois” é São Cosme e São Damião... A tia da “pequena”, faz uma “brincadeira” todos os annos, para festejar elles. No anno passado eu fui e a “coisa esteve d’aqui”, disse mostrando a ponta da orelha.

[127]

– Mas, quinta-feira é um dia improprio. Na sexta é dia de trabalho...

Sem me deixar formular essa excusa, exigindo a minha presença, bateu-me no hombro e sentenciou:

– Não sr... “Não pode saltar!”... Você me espere quinta-feira, ás oito horas da noite, em Francisco Sá... Eu vou chegar lá a essa hora com a “garota” e umas camaradinhas della... Tem uma, a Diva, que é um pedaço”. Vê si te “ageitas” com ella e já chegas “feito” na festa.

Prometti comparecer e, despedindo-me, corri para apanhar o “meu bonde”, que saia do seu ponto inicial no Largo, fazendo a curva da rua dos Andradas.

No bonde, dada a insipidez dos vespertinos, procurei concatenar, como que fazendo uma perspectiva, o que seria essa festa para a qual, minutos antes, fôra tão sincera e cordialmente convidado.

Foi então que me lembrei que Cosme e Damião são, na crença popular, dois meninos que, sendo gêmeos, foram juntos santificados e, para fortalecer o princípio dogmático e de psychologia, em se tratando de crianças, attribuem-lhes uma grande predilecção pelos doces e guloseimas, que

[128]

os seus fiéis, no dia que lhes é consagrado, lhes offerecem em pratinhos enfeitados, que põem á frente das suas imagens para que participem da festa.

Como Cosme e Damião, temos Chrispim e Chrispiniano, sendo commum vermos, entre crianças gêmeas, muitas com os nomes destes santos, que são considerados os protectores dos que nascem de uma só *délivrance*.

Os pseudo-catholicos, os “catholicos por força de expressão”, assim como os praticantes do baixo espiritismo e supersticismo dogmático, teem-nos, como a São Jorge, São Sebastião, São Benedicto e outros, como grandes orientadores das suas crenças, dedicam-lhes as festas originaes, nas quaes se observa a grande disparidade e confusão das seitas e religiões, que faz, o nosso povo, analfabeto na sua maioria, com o escopo unico e principal de respeitar e adorar tudo queu, mesmo de leve, lhe fale no nome de Deus.

Prevendo uma farta mésse de observações e ineditismo para a minha curiosidade de *reporter* ávido de “novidades novas”, louvei-me de ter acceitado tal convite e, na quinta-feira, pontual como um britannico que se presa, achava-me as 20 horas na

[129]

estação Francisco Sá, de terno branco, como convinha a uma festa de alegria e glorificação.

A gare que, em sendo pequena e movimentada, tinha a augmentar a sua concorrência, naquella noite de 27 de Setembro, nos festejos destes santos infantes, cujas commemorações teem nas estações suburbanas mais animação e liberdade, apresentava um aspecto vario e sobretudo interessante.

Era o trabalhador, pobre, de paletot dobrado ao braço, como exaustado e encalorado, que, alheio a tudo, se encaminha para o seu casebre tosco e singelo, distante da estação quarenta ou cincoenta minutos, onde o aguarda, ancioso e contente o seu filhinho que não viu o “papae sair p’ro trabalho, de manhã cedo”... Era o rapaz elegante, de calça demasiadamente larga que, de pé, em meio da *gare*, movimentando a cabeça em todas as direcções, inquieto e impaciente, espera a namorada que combinara subir em sua companhia no “oito e dez em Francisco Sá”. E muitos outros, todos diversos na sua orbita de vida.

Uma bahiana, gorda, com seu “panno da Costa” avermelhado, com riscos dourados, andando a custo dentro de duas ou tres saís armadas á guisa de balão, ao ver-me alli em pé, perguntou-me:

[130]

– Yôyô, esse trem vai p’ra Collegio?

Como não soubesse informar de prompto a pergunta que me fôra feita, e procurasse um funcionario da Estrada que pudesse satisfazel-a, talvez pensando que a difficuldade de responder fosse devida ao laconismo da pergunta, additou:

– Eu vou “na” casa de “sinhá Rosa”, ellas estão me esperando na estação. Ella me disse que tinha um trem ás 8 horas.,,

Indiquei-lhe um grupo de tres empregados daquella via ferrea que mais adeante palestravam, os quaes, com a solicitude que caracteriza os nossos patricios, promptamente lhe informaram e indicaram-lhe onde deveria comprar os bilhetes de viagem.

Mal acabava de apreciar esta scena de gentileza, vendo aquella senhora, já avançada em annos, mas ainda participando de festas que lhe faziam lembrar, embora com pobreza, os festejos do “Senhor do Bomfim”, das “Candeas”, etc., quando Cabrocha precedido de tres mulatinhas entrou na estação.

Vinha tambem de branco, e as moças trajavam vestidos de côres claras, bem assentes e novos.

Approximaram-se todos, e Cabrocha, como sempre, excedendo-se em fidalguia, ao apresen-

[131]

tar-me, não se esqueceu do seu costumado estribilho: “um rapaz inteligente. Sabe falar francez e inglez”.

A Diva, de quem na ocasião do convite elle se referira como optima candidadta para um *flirt*, fôra apresentada por ultimo, sendo a apresentação precedida dum imperceptivel piscar de olhos, o que me permittiu identificar, de antes, que era essa moça o alludido “pedaço”.

– Tem um trem ás oito e vinte cinco. Está quasi na “hora elle”, disse Cabrocha, encerrando as apresentações e encaminhando-se para o *guichet* da venda de passagens.

A namorada de Cabrocha, com o cabello cortado, empastado de uma brilhantina barata que rescendia fortemente, mirou-se num espelho preso ao interior de sua bolsa e, quebrando o meu silencio protocollar, perguntou:

– O “seu” Jota nunca foi “em” Irajá?

– Não, senhorita. Só agora se me offereceu essa oportunidade, aliás muito feliz, respondi demorando o olhar sobre Diva que, ao perceber que eu a fitava, baixou os olhos, muito de discreta e convencional.

Cabrocha, lá do *guichet*, com os bilhetes na mão, acenava para que nos encaminhassemos ao

[132]

trem. Convidei-as a seguirmol-o e, sob um atropelo de *gare* de estrada de ferro, alojavamo-nos num dos *wagons* da E. F. Rio d’Ouro, que afina em desmazelo e desconforto com a nossa principal via ferrea.

De pé, no centro daquelle carro litteralmente cheio, difficilmente penetrámos passando por entre os passageiros que atopetavam a plataforma e apinhavam-se no meio do

carro, os quaes, de mau humor, com má vontade notoria, mal nos permittiam que nós, comprimidos, numa acrobacia circense, chegassemos ao interior do *wagon*.

– Esta gente “são estupidas”!, exclamou a Diva, em chegando ao centro, onde nos agregámos num circulo muito reduzido, que, pouco a pouco, perdia em diametro com a chegada de novos passageiros. E, quando a locomotiva, apitando para iniciar a sua jornada, sacudiu aquella fila de carros como para acondicionar melhor a sua pesada carga humana, tinha eu, num contacto agradável, um das pernas de Diva, que sem se importar, não evitava esa adherencia, nem a fazia perder um pouco da sua intensidade.

– E’ um “caso sério” esses trens... A gente, p’ra fazer um viagem aqui, “corta uma volta”...

[133]

sentenciou Cabrocha, passando um lenço pela testa e collocando o chapéu no alto da cabeça.

– Eu não “te” disse a você, que a gente ia em pé... Tudo por causa da Nair; parece uma noiva, quando vae sair...

Nair, uma mulatinha bem escura, com os labios escandalosamente avermelhados por um *rouge*, que, sendo de qualidade inferior, ameaçava derreter-se, devido ao calor reinante, retorquiou com faceirice á gentil incriminação que a namorada do Cabrocha lhe fizéra:

– Então não sei... E o tempo que a gente esteve esperando o bonde?... Vocês saíram lá de casa ás sete e quarenta; tinha muito tempo.

Observando o meu silêncio, Cabrocha para por-me á vontade, exclamou:

– Como é, “seu”Jota, vamos deixar de “posias”! As meninas não são de “cirimonhas”. Ellas já sabem que você tem cara de sério, mas é do “brinquedo”... Aqui tudo é da “fuzarca”, não é verdade?, perguntou a todas.

As moças sorriram e não confirmaram, entreolhando-se com malícia. Diva afastou ligeiramente a perna, talvez para não ser surpreendida pelas collegas, mas, logo em seguida, voltou a sua primitiva posição.

[134]

Com desembaraço, “tomei a palavra” e antecipei o successo da festa para a qual nos dirigiamos, solicitando-lhes as primeiras contra-dansas e para fazer humorismo, pedi:

– Cada uma de vocês vá botar um doce no meu bolso. Eu faço que não vejo e distraio a “turma”.

Ellas riram, demoradamente. Riram mesmo muito mais do que o meu humorismo-mendigo fazia já, para me serem agradáveis, e Nair respondeu:

– Eu vou botar uma colher de doce de coco. Está bem?

– Não... não... Assim vá sujar a minha “fantasia branca”... Só “recebo” doces seccos: pão de lot, brevidades, rosquinhas...

Todas riram novamente.

Cabrocha, satisfeito da intimidade que eu conseguira assim tão rapidamente, aviltou:

– E’ melhor você forrar o bolso com um papel “permeavel”...

O trem na sua marcha vagarosa, com a locomotiva á frente lançando pela chaminé fagulhas de carvão, que viamos cair nos trilhos, aproximava-se de Irajá, parando nas estações anteriores sem que nós, absortos pela conversa facil e futil que

[135]

imperava, nos apercebessemos, e só disto tivéssemos conhecimento pelos solavancos que a composição soffria ao reencetar a marcha, o que obrigava Diva a fazer uma pressão mais accentuada, embora rapida, da perna que se unia a minha, e ao sentir o volume dos seios da namorada do Cabrocha, que, com o desequilibrio occasionado, cahia de leve, projectando-se contra mim.

– Minha gente, está na hora de saltar. Vamo-nos preparando, lembrou Cabrocha ao avisinharmo-nos da estação.

Com effeito, após alguns minutos, e agora, com mais facilidade, por isso que um grande numero de passageiros havia ficado nas estações precedentes, saltavamos em Irajá.

A estação, como todas as estações da E. F. Rio d’Ouro, não possui a menor commodidade; é escassa de iluminação, suja e deserta.

Irajá, que hoje, graças a um empreza de terrenos, está tendo algum incremento, não possui illuminação na maioria das suas ruas, que, além de serem desprovidas de calçamento,

são esburacadas e quasi intransitaveis, o que a faz viver estacionada e retrogada, sem commercio local, sem vida propria. A' noite, os sapos e rãs, coaxando nos terrenos baldios e enchercados, fazem a orchestra

[136]

soturna da roça, entrecortada dos “cri-cri” dos grillos, enquanto os vagalumes, cruzando o espaço com a sua phosphorecencia, riscam a escuridão com um traço de luz brilhante e rapido.

A namorada de Cabrocha, sobrinha da festejante, que, por força das muitas visitas que fazia áquelle local, o conhecia com segurança, como um cicerone, segurando o braço do namorado e de Nair, seguia á frente indicando-nos o caminho.

Eu, muito de industria, deixara-me ficar por ultimo, onde, mais á vontade, segurando o braço da Diva, a pretexto de gentileza, e escolhendo o melhor caminho, pois as ruas apresentavam, de quando em quando, algumas poças dagua consequentes das chuvas dos dias anteriores, e demais, devido á escuridão reinante, tornava-se difficil reconhecel-as, pude, graças a esse stratagemma commum, ao fim da caminhada, que durou cerca de quinze minutos, merecer a promessa de um encontro no domingo seguinte, na estação Pedro II, além de saber que ella fôra seduzida por um namorado, que a abandonara logo após, e cujo accidente por si julgado como “infelicidade”, motivara uma severa vigilancia de sua

progenitora, que não a deixava namorar, sendo “muito contra”.

[137]

Quando nos aproximámos da casa que, já de longe, apresentava um aspecto de grande concorrência, dado o vozerio que escutávamos, si bem que de cujo ambiente pouco se pudesse distinguir pela defficiência da luz mortíça de alguns candieiros que a illuminavam, os musicos iniciaram um samba muito em vóga, pelo que Cabrocha, já possuido da alegria exclamou:

– Minha gente, o pessoal lá já está por conta do “atôa”!

Com effeito, ao chegarmos era franca a animação reinante. Os dansarinos enchiam a pequenina sala de entrada, espalhando-se pela sala contigua, suarentos, empurrando-se uns aos outros numa confusão terrivel e muito expansiva e alacre.

A dona da casa, uma senhora gorda, de côr mulata, estatura elevada, ao avistar-nos na porta, irrompeu dos fundos da casa, abrindo caminho entre os pares, numa indelicadeza de confiança e bonhomia, para vir receber-nos gentil e captivante:

– Entre, minha gente!... Vocês custaram a chegar...

– E, tomando-me o chapéu e a bengala, com intimidade expontanea, continuou:

[138]

– Não repare, “seu” Jota. A casa é pequena e está muito cheia... Esteja á vontade. Não faça “chiquê”...

Essa recepção simples, sem convenções, fez-me deprender sem esforço que a referida senhora já havia sido científicada da minha comparencia á festa, e, numa demonstração de fertilidade de memoria, precisara o meu nome, que certamente lhe fôra dito na ocasião de communicarem o meu convite.

Precedendo-nos, afastando os dansarinos, levou-nos á pequena saleta interior, onde estariamos mais a gosto, embora alli tambem se dansasse.

Os “tocadores”, alojados no quarto, sentados na cama e em algumas cadeiras, com os collarinhos desabotoados, em intima commodidade, atacavam ininterruptamente sambas, *foxes*, toadas, etc.

Um clarinetista que parecia ser o chefe do conjuncto, de quando em quando, orgulhoso, numa exhibição de exímio executante, “fazia um choro”, no qual predominava como motivo uma nota sostenida, incerta, demorada, seguida de notas graves, em escala ascendente e descendente, numa vizarria musical agradável e imperfeita, excedendo-se em tregeitos, ora elevando o instrumento como uma trombeta de caça, volteando-o para direita e para

[139]

a esquerda, abaixando-o logo em seguida e approximando-o do peito, como se quizesse abraçal-o, com os olhos fechados, concentrado numa suave inspiração; sobresaia entre os

collegas, que, com seus violões, cavaquinhos e banjos, o acompanhavam com interesse e vivacidade, animando-o, o que fazia exceder-se ainda mais nos seus “choros”, por vezes tão demorados, que pareciam querer por a prova o folego dos dansarinos. Estes, assim compreendendo, não desanimavam, bailando sempre, competindo bohemias e exoticamente.

Mal terminara a contra-dança, um grupo de mulatas e creoulinhas, que antes, enquanto dansavam, haviam cumprimentado Cabrocha e as moças que nos acompanhavam com um sorriso inquisidor que representava a estranheza de verme allí, accorreram ao nosso encontro e, entre exclamações alacres, segredando-se umas com as outras, soltavam gargalhadas francas, o que, apesar da minha desenvoltura social, me deixava um tanto encabulado.

Cabrocha, percebendo o meu embaraço, poz fim á confabulação, apresentando-me ás recém-vindas:

– Meninas! Ia me esquecendo de apresentar o meu “inlustre” amigo, “seu” Jota Efegê, rapaz

[140]

do amor e que não tem “nota”, mas é bom nos carinhos.

Uma gargalhada geral, qual o chilrear de um bando de passaros, que trazia no seu estridulo algo de malícia e voluptuosidade, engolfou as ultimas palavras de Cabrocha, que tambem participou da expansão, rindo em conjuncto.

Longe de aggravar a situação *gauche*, de néo-visitante em que me encontrava, esta explosão de alacridade quebrou o

meu circulo de commedimentos urbanos e, promptamente, refutei:

– Não é tanto assim, senhorinhas. Sou pobre de “notas” e de carinhos...

– Então não sei!, exclamaram em côro.

– “Vá no golpe delle”, e vocês depois “me dizem” como é que é... reforçou Cabrocha.

A dona da casa interrompeu o torneio de galanterias, e, convidando as nossas companheiras a mudarem os vestidos “para brincar mais á vontade”, concluiu:

– Vocês vieram, todas no chic, feito *misses*...

As convidadas accederam e dirigiram-se ao quarto interno, deixando-me a sós com Cabrocha, que, aproveitando a vasa que a namorada lhe offerecera, logo se apartou para ir cumprimentar “uma dona bôa que fazia uma fêzinha comsigo”.

[141]

Já as moças tinha trocado os vestidos e voltavam á sala com umas roupas largas e compridas, que lhes davam um aspecto de caricatas de revista, pelo que não podemos conter uma risada, que foi pelas mesmas percebida.

– O sr. está “se rindo da gente”, não é?

– Qual! Seria incapaz disso...

– E⁷ da gente sim. Mas não faz mal. A gente assim fica mais á vontade. Pode-se brincar melhor, ajuntou a Nair.

Cabrocha approximara-se e, rindo, exclamou:

– Chi! Está gosado! Vocês parecem a “D. Chinha” do Theatro Recreio.

Ellas não se encabulavam e riam também.

Os músicos que haviam feito um pequeno intervalo na execução do seu repertório dirigiram-se para o quintal da casa, uma área de terra comprida e vasta, iluminada por um possante lampeão a carbureto, que, embora não conseguisse clarear o terreno em toda extensão, permitia uma boa iluminação do lugar onde estava uma grande mesa tendo ao centro, sobre uma espécie de pedestal, as duas pequenas imagens dos gêmeos festejados, havendo à sua frente, respectivamente, um prato, um talher e um copo pequeninos, desses que os bazares

[142]

de brinquedos vendem para divertimento das crianças.

Nos minúsculos pratos havia pedacinhos das diferentes qualidades de doces, e os dois copos, pequeninos como dedaes de costura, estavam avermelhados pelo vinho que continham.

– Vamos para o quintal, convidou Cabrocha.

Saimos, e no quintal, num recanto muito discreto e occulto, onde o lampeão não havia estendido a sua claridade, propositadamente afastados, dividimo-nos em dois grupos, num dos quaes ficara eu em companhia de Diva sómente, que já me permitira prender as suas mãos entre as minhas e, com intimidade, passara a tratar-me de “você” e a afirmar, entre

olhares languídos, que não acreditava nas minhas palavras, que eu tinha “muitas labias”.

Havia terminado a mesa dos músicos, que, em debandada, entre exclamações, abandonavam os seus lugares, morosa e desordenadamente.

Voltámos á sala, atendendo uns accordes do clarinetista, que assim nos avisava do reatamento das dansas e, ao som dum samba, estreavamos nas exibições choreographicas, dansando eu com Diva, Cabrocha com a sua “garota” e Nair com um “homem casado”, a quem, não obstante,

[143]

ella “dava corda”, como me informara a minha gentil *partner*.

O grande numero de dansarinos e a pequena dimensão da sala não nos permittiam dansarmos com desembaraço, porém dava margem a que, valendo-nos dessa super-lotação, unisse o meu busto ao da Diva num amplexo sexual demorado, que ella auxiliava, apertando-me e encostando o seu rosto ao meu, embora, de quando em quando, dissesse:

– Cuidado, tem gente olhando... Vamos ficar no meio do salão...

E nós, como Cabrocha e muitos outros, ficavamos no meio do salão.

A dona da casa, batendo palmas, fizera cessar as dansas, convidando no meio do salão, em voz alta:

– Minha gente. Agora é a mesa dos “dansadores”!

Ante este convite cada qual com a sua companheira de dansa encaminhou-se para o quintal.

O nosso grupo estendeu-se ao lado direito da mesa, perto da cabeceira, á qual, por insistencia folgazã, sentou o “seu” Peixoto, que assim seria o “presidente da mesa” e estaria na obri-

[144]

gação de “fazer o discurso”, conforme determinaram os que o elegeram para o honroso logar.

“Seu” Peixoto, um senhor já avançado em annos, continuo de uma repartição publica, que eu já conhecia de vista, esquivara-se a principio, porém finalisou por acceitar a presidencia com a seguinte condição:

– Eu não posso fazer discurso porque não sou sufficiente para isso... Posso falar umas bobagens, se ninguem quizer dizer nada.

Os comensaes refutaram a modestia do orador indicado e insistiram pela oratoria do velho burocrata.

– Vocês vão se servindo. Não tenham acanhamento. Eu não sirvo ninguem.

Assim falando, a festejante dispunha os pratos de doces e enchia os calices de licor.

– Eu não gosto de licor, d. Maria. Eu fico tonta.

– Não encha tanto, d. Maria, exclamava outra cerimoniosamente.

– Eu gosto mais de *chopp*, respondeu um senhor gordo.

– O José, “cadê” o *chopp*? Bota alli p’ro “seu” Alberto.

[145]

Attendendo a todos com diligencia, reclamava actividade dos seus auxiliares, que eram, duas senhoras desembaraçadas nesse mistér, e o José, um rapaz de modos afeminados, que atendeu promptamente ao reclamo, trazendo um jarro cheio de *chopp*.

– P’ra quem é o “chópe”, d. Maria?, perguntou com a voz de falsete e o gesto de faceirice.

O apreciador dessa bebida apresentou o seu copo, e Cabrocha, vendo o modo afeminado com que o moço entornava o “louro liquido”, falou-me ao ouvido, em segredo:

– Tira uma “linha” desse v...

E pronunciou o nome dum animal, que serve de desinencia para esses rapazes de sexo obtuso.

As moças entreolharam-se com malicia á presença daquelle representante do terceiro sexo.

Satisfeitos os comensaes, cheios os copos e calices, o sr. Peixoto levantou-se e todos o acompanharam dispostos a ouvir a saudação do velho funcionario, que, desembaraçado, após ter pedido “licença á dona da casa para fazer a saude dos meninos”, começou em bom tom, com voz caprichosa e modulada:

– Gentis senhoritas. “Inlustrissimas” senhoras casadas. Meus senhores: Não vou fazer um dis-

curso, porque não tenho competência para falar nesta mesa, onde eu sei que tem gente mais suficiente do que eu, mas, porém, vou falar para fazer a saúde destes dois meninos, que “há de estar” nesta casa...

E, nessa algaravia de pessoa pouco letrada, afeita ao convívio de outras mais cultas e de posição superior, o que é comum na nossa burocracia oficial, seguiu com progressiva animação para finalizar pedindo que “todos levantassem os seus cálices para fazer a saúde dos dois gêmeos”.

Palmas prolongadas coroaram fartamente o brinde do sr. Peixoto, que, além da pobreza de gramática, fôra mal pronunciado, exuberando, contudo, em sinceridade e pondo a prova a forte crença religiosa do orador, cuja ignorância das suas bases o levou a incidir em erros contra as leis da sua Igreja, mas cujas faltas eram redimidas pelo muito que o coração emprestara ao seu pretensioso discurso.

Emquanto as palmas abafavam as últimas palavras do orador, Cabrocha, valendo-se da expansão reinante, procurava convencer-me para que eu secundasse a oração do sr. Peixoto, e querendo envaidecer-me:

[147]

– O Jota, pede a palavra e faz um discurso p’ra mostrar a essa gente como é que se fala mesmo de verdade. Faz um discurso igual àquella que você fez no casamento do Victor, lá na Olaria.

Disfarçadamente, puxando-me pela aba do paletot, continuava insistindo para que eu também brindasse a dona da casa, numa competição de oratoria com o velho burocrata, alludindo sempre ao discurso que eu fizera na casa dum nosso amigo, residente na estação de Olaria, nos suburbios da Leopoldina Railway, no dia dos seus esponsaes, offerecendo o presente que um grupo de amigos lhe dedicara.

Esse discurso de offerecimento a que Cabrocha agora alludia valera-me uma verdadeira consagração entre os convivas, pois que, não fôra a minha formal excusa, e teria que lel-o duas vezes para attender as solicitações e, mesmo a alguns *bis*.

Não colloquem os leitores, sobre a minha “fronte altiva”, a coroa de louros que talvez me julguem merecedor por tão grandioso successo oratorio. O meu grande exito, a minha glorificação, devo-a ao seguinte: As familias dos nubentes e, consequentemente, a maioria dos convidados era adepta do Protestantismo e, no discurso, eu explorei com abundancia de citações as melhores pas-

[148]

sagens da Biblia, o que, agradando-lhes concedeu-me a honra de merecer gratas referencias dum Pastor, presente á festa, que ficou bastante decepcionado, quando, após ter-me felicitado, soube que eu não era, como elle suppunha, “um irmão”.

Não atendendo a Cabrocha por achar que, como conviva indirecto e estranho á festejante, não poderia fazel-o com sinceridade, a menos que quizesse representar o papel desses discursadores de anniversarios e casamentos, que trazem sempre um discurso decorado, prompto para ser despejado em qualquer festa, e que é sempre pronunciado na mesma tonalidade, com os mesmos gestos, com as mesmas palavras.

Esse meu esquivar valeu-me uma censura de Cabrocha, que, desgostoso, encerrou a insistencia:

– Você fez um feio... Parece que está com medo...

Sentámo-nos novamente e principiámos a comer, sem cerimonia, os doces que a festejante, solícita, ia accumulando nos nossos pratos, reclamando mais liberdade dos seus convivas, repetindo seguidamente:

– Vocês comam a vontade! Não façam “chiquê”! Aqui não se quer luxo!... “Seu” Jota,

[149]

prove um pouco da “baba de moça”, isto é bom.

Estendi o meu prato, onde, já tendo depositado duas fartas colheres deste saboroso doce, ia despejar a terceira, mostrando vontade de enchel-o, o que foi por mim evitado.

Após ter provado a primeira colher, disse a Diva, que se sentára a minha esquerda:

– Esta “baba” deve ser de uma moça bonita, assim como você.

Ella riu e respondeu:

– E’ “bebé”?!... Eu nunca vi moça babar, ainda mais amarello.

Nair que ouvira o meu galanteio interveio:

– Isto póde ser de moça, quando está com raiva; quando está “enfezada”...

– Que é isso Nair!, repreendeu-a a namorada de Cabrocha.

Uma gargalhada franca, que attraiu a atenção dos demais para o nosso grupo, finalisou a troca de futilidades, que, de quando em quando, voltava a ser reencetada.

Diva, desembaraçada, esvasiava os copos de *chopp*, sem cerimonia, o que lhe valeu uma censura de Nair:

[150]

– Você “tá” bebendo com fé, hein, Diva!... Vê lá se vae ficar de “porre”!

– Chi! Chi, Nair!, exclamaram ambas, censurando a impropriedade do termo applicado.

– Eu vejo “muitos doutor” dizer isso, defendeu-se confusa a culpada.

Cabrocha, rindo do desastre literario da sua amiguinha, ajuntou com ironia:

– Estou vendo que é que vocês todas “está de pó...”

Fartos, muito fartos mesmo, pela variedade e quantidade de doces que nos serviram, levantámo-nos.

As moças voltaram á sala, onde já haviam recommçado as dansas, mais uma vez interrompidas durante a operação do

sr. Peixoto, e eu, attendendo a um signal de Cabrocha, ficára no quintal, em sua companhia, proximo á mesa.

Assim que ellas se retiraram, elle approximou-se e, apontando ao fundo de terreno um barracão, todo fechado, que pelas frestas coava a luz mortiça do interior, informou-me:

– Você está vendo aquelle “barraco”?

Como acenasse affirmativamente com a cabeça, proseguiu:

[151]

– Fique por aqui. Alli é que vae haver o “negocio”, a macumba, esclareceu, falando-me ao ouvido.

Surprezo, perguntei como soubera desta realisação. Elle, rindo, detalhou:

– No anno passado teve. E este anno tambem tem. Aquillo é “mais negocio” do que dansar... O pessoal já está lá dentro... Não é qualquer um que entra, mas eu conheço o camarada que bate a “pemba”, e nós “tamos de dentro”.

Approximámo-nos, e então já ouviamos o barulho dos tabaques, que, tocados a medo, pareciam caixas-surdas, acompanhando o coro, que, baixo, muito baixo, como um canto-chão funereo, entoava os “pontos”.

Cabrocha bateu levemente na porta com os nós dos dedos e, encostando a bocca na fechadura, assobiou com força.

Ouviu-se o girar da fechadura, e a porta entreabriu-se o necessario para deixar apparecer a figura dum creoulo alto,

espadaudo, que, com um olhar penetrante, procurou identificar-nos com rapidez. Cabrocha, arguto como sempre, estendeu a mão e com uma hypocrisia convincente, pediu:

[152]

– A benção, meu pae.

Segurou a mão do crioulo e beijando-a entrou sorrateiramente. Imitei-o fielmente, e tambem ingressei. A chave, girando novamente, fechou a porta.

A luz baça do interior, mal nos permittia reconhecermos as pessoas mais proximas, e aquella penumbra fazia mais negros os rostos dos participantes, crioulos na sua quasi totalidade. Os homens com os bustos desnudos, tendo sobre um dos hombros uma toalha branca, muito alva, que se prendia do lado opposto á altura do tronco, á guisa de um manto. As mulheres, vestidas com saias de bahiana, cheias de babados, algumas ainda mocinhas, bonitas e faceiras, com um simples corpete, d’onde pareciam querer saltar os pequeninos seios tumidos, que, gingando o corpo num compasso de “jongo” africano, ao som dos “pontos” entoados, ellas faziam baloiçar provocadoramente.

Verdadeiramente, isso era “mais negocio” para os nossos olhos avidos de vibrações de malicia.

Ao centro, com uma casquete vermelha, sentado no chão, as pernas cruzadas como um fakir indiano, me foi facil reconhecer o velho africano Alahmin, que já tivera occasião de apreciar nos

[153]

seus trabalhos de “pae de santo”, em casa de D. Dulce, á rua Moura, na estação de Piedade.

Formando um circulo, circumdavam-nos os “cavallos” – como são denominados os *mediuns* do espiritismo negro – acompanhando o “ponto”, enquanto o “pae” riscava no chão com giz branco um desenho bizarro e ritual, que representava um coração atravessado verticalmente por uma setta, tendo ao centro da extremidade inferior uma lua em quarto minguante.

Um crioulo, rodando nos calcanhares, soltou um silvo agudo e atirou-se ao centro do circulo, deitando-se no chão e enconstando o ouvido no assoalho, como fazem os selvagens para ouvir a aproximação de alguém, inquieto e offegante; levantou-se logo após para executar uma especie de dansa festiva dos indios, pulando e elevando as mãos ao céu seguidamente, o que me fez compreender que havia “baixado” um caboclo.

Acto continuo, o “pae” derramou numa cuia preta ornada com desenhos em côres vivas quasi todo o conteúdo de uma garrafa de aguardente, e offerecia-lhe a bebida, exclamando:

– *Marafa... marafa...* “meu fio”!

Soffrego, o manifestado tomou a cuia das mãos do offertante e, dum só gole, sorveu todo o

[154]

liquido e atirou a cuia ao chão, insatisfeito e selvagem.

Uma crioula entrou na roda, trazendo nas mãos um prato contendo certo refogado exquisito em que predominava o classico azeite de dendê, e entregou-o ao “cavallo” em transe.

Com uma das mãos elle recebeu esta extranha comida, e com a outra retirou do prato um farto punhado que levou á bocca, gulosamente.

Não sei se o “pitêu” lhe não agradou, se a “petisqueira” não estava condimentada a contento, se o ritual assim exigia, ou ainda, se, para afastar os curiosos e incredulos, elle se valia desse stratagema, o certo, o infelizmente certo, foi que o “caboclo” atirou o prato contra a parede espatifando-o todo E eu, leigo, aturdido e confuso, só disto me apercebi, quando o guisado, espalhando-se pela parede do barracão, num ricochete incivil e pouco agradável, projectou-se sobre a minha roupa, sujando-a toda de azeite, deixando-me como uma creança a que se entregasse um prato de mingáu.

Os presentes, talvez por conhecerem essa manifestação estapafurdia do “filho das selvas”,

[155]

abaixaram-se a tempo e salvaguardaram-se, recebendo apenas alguns salpicos do muito que sobrou da minha roupa.

Ninguem riu, antes pelo contrario, compenetraram-se ainda mais, enquanto eu, como um “calouro” da Faculdade, acanhado e ruborizado, pedia a Cabrocha que me acompanhasse.

Mal saímos da barracão, tirei o paletot e procurei limpá-lo, molhando o lenço num tanque existente no terreno, lavando

também o rosto e a cabeça, enquanto Cabrocha desfazia-se em gargalhadas consecutivas.

– Ora, “seu” Jota... Você “bancou o ota”... Você vai ficar com o “frontespicio” no caminho...

E gargalhava sempre.

Não consegui limpar o paletot, pois a oleosidade do azeite espalhou-se pelo tecido da fazenda, deixando grandes manchas, irregulares e incertas, dum amarello-ouro que a água não conseguia esmaecer.

Não voltei mais ao salão, e, enquanto esperava que o paletot estendido na cerca do terreno, enxugasse, fiquei conversando, em mangas de camisa, com Cabrocha, que continuava a rir.

[156]

As moças, sentindo a nossa ausência, vieram procurar-nos e, espantadas, ao ver-me sem paletot, suppondo que estivesse nestes trajes por comodidade, exclamaram *una voce*:

– Sim senhor, “seu” Jota. Está á vontade!

Nair mais expressiva e menos convencional, ajuntou:

– Está á “loussé”, não é?

Cabrocha, indiscreto, tentou contar-lhes o insucesso determinante da minha indumentaria incompleta.

Felizmente, a custa de uma série de acenos significativos e imperceptíveis, consegui que elle se reservasse, rindo unicamente das perguntas ingenuas que me faziam. E, graças aos seus companheiros de dança que vieram buscal-as para

repetirem o numero findo, achei-me livre da inquirição que as moças agora faziam, para saber porque eu molhára e penteara o cabelo.

Qual um sentenciado, esperava que o paletot, enxugasse, o que, devido á temperatura fria da noite, se tornava mais difficil, já tendo, alli proximo, num prego, o meu chapéu que Cabrocha apanhara no quarto onde estava guardado, afim de, sorrateiramente, “á franceza”, sair em

[157]

demanda da estação, o que só consegui pelas cinco horas da madrugada.

*
**

Na sexta-feira, 28 de Setembro, os passageiros do trem que parte de Irajá ás cinco horas, cochichavam e riam á socapa d’um moço que vinha com o terno branco “todo sujo de farofa amarella”, emquanto este seu creado, como recurso *in extremis*, fingia dormir a somno solto, alheio aos comentarios.

[158]

[EM BRANCO]

[159]

A PARTIDA

Naquella manhã, quando cheguei, o continuo apresentou-me uma carta a mim dirigida, que alli fôra entregue, no dia anterior, após a minha saída.

Tomando-a, reconheci a letra que graphara o sobrescripto, a calligraphia de Cabrocha, se assim se podem chamar os garranchos, mais parecendo signaes estenographicos que o meu bom companheiro fazia.

Abri-a e surprizo li:

*“Meu camarada Jota
Saudações*

A respeito daquela noça conversa vou embarcar prá S. Paulo amanhã porque os homens arresolveram que eu vá trabalhar

[160]

lá na outra casa em baurú. eu vou ir amanhã no treim noturno das 8 horas da noite.

Lembranças

Cabrocha”.

Com effeito, dias após aquella minha sempre lembrada irrigação de azeite de dendê, Cabrocha havia-me communicado que os seus patrões projectavam mandal-o para a succursal que a firma ia installar em Baurú, cujo projecto era confirmado nesta carta.

A nossa boa camaradagem exigia que eu fosse levar os meus votos de feliz viagem ao velho companheiro de “farras” e, assim, ás sete e meia horas da noite, o aguardava na estação Pedro II, onde já encontrei a sua namorada e Nair.

Pouco depois, Cabrocha desembarcava de um auto sobraçando dois grandes embrulhos, acompanhado por um carregador que trazia a sua mala, e, vindo ao nosso encontro, emocionado estendeu-nos a dextra; com voz compassada agradeceu minha presença, informando-me que aquella transferencia, que quizera evitar, importava na melhoria do seu ordenado, além de assegurar-lhe certo destaque na firma, visto que, seus patrões

[161]

assim procederam como prova da muita consideração que lhe dispensavam.

Já havíamos tranposto o gradil que dá acesso á plataforma dos trens do interior, e Cabrocha, tendo

acondicionado os seus embrulhos no lugar que o carregador, solícito, lhe reservara, voltou rapidamente.

Ao tornar, como visse a sua eleita enxugar os olhos avermelhados, consolou-a, passando o braço pela sua cintura:

Que é isso, Nésinha?... Deixa de bobagem... Eu volto. Eu vou cavar a “dolla”, p’ra nós “ser” feliz um dia...

Nésinha nada respondeu e continuou a chorar. Eu quiz consolal-a também, mas em nada consegui. A moça inconsolável, chorava sempre.

Estridente e demorada a campainha soou, convidando os passageiros a alojarem-se nos carros; Cabrocha, já agora, preso de emoção, com os olhos humidos, afastou-se de nós.

– Jota, meu bom amigo, eu “te escrevo a você... Nair, adeus.

E, beijando disfarçadamente a namorada que segurava as suas mãos:

– Nésinha, anda direitinho e fica sempre gostando de mim.

[162]

Logo que Cabrocha entrou no *wagon*, a locomotiva, com um silvo agudo e preguiçoso, sacudiu a sua enorme cauda, e os passageiros assomaram ás janellas agitando lenços brancos, despedindo-se dos que ficavam contemplando chorosos e commovidos aquella fila de carros que, qual uma serpente, sinuosamente se ia, soltando fumaradas, indiferente á dor immensa da saudade que aquelles lenços humidos, acenados ao vento, correspondendo-se, traduziam.

*
**

Já varios annos são decorridos.

De Cabrocha, nem uma só carta, até hoje recebi.

Sem companheiros de “farras”, de folguedos, agora, nos dias de tédio, eu recordo saudoso essas festas pobres, sem as convenções da *haute gomme*, onde, sorateiramente, se aninham os reptis peçonhentos, que, na diplomacia das attitudes, no *savoir dire* dos galanteios e dos encomios, em reverencias bajulatorias, occultam a sua peçonha.

Entre essa gente preta, de tez escurecida, havia muitas almas brancas, que não obedeciam a encenações previas, que se nos dava toda, na sua pu-

[163]

reza de sentimentos, atravez mesmo da inelegancia dum gesto, na incorrecção duma phrase.

Neste livro, falho de literatura, porém abundante de descriptiva, *kodak* fiel dos seus modos, filho expontaneo de reportagens bohemias, não ha melindre aos meus irmãos na côr, nem deboche permanente aos seus centros de recreio. E’ a photographia certa e precisa de horas de alegria, revelada na camara da sinceridade em banhos de humorismo.

E Cabrocha, se algum dia lel-o, não censure o velho collega de “farras”. Isto não é uma indiscreção, é uma recordação.

FIM

INDICE

	Pagina
A minha opinião	9
Apresentação	13
O Cabrocha.....	17
No “Bohemios de Botafogo”	23
Na “Flôr Tapuya”	39
No “Bar Cosmopolita	63
Na “Kananga do Japão”	77
No “Perfeita União”	91
A “Turma do Ponto Chic”	109
A Festa dos “2 Dois”	125

A Partida..... 159

ACABADO DE IMPRIMIR
PELA "CAZA LEUZINGER"
Á RUA DO LAVRADIO, 162,
164,166 - EM 23 DE SE-
TEMBRO DE 1931 - -
- RIO DE JANEIRO -

[4ª CAPA]

CASA LEUZINGER

J. D'ALMEIDA LUSTOSA & C. – RUA DO LAVRADIO, 162-166

TYPOGRAPHIA
LITHOGRAPHIA
LINOTYPPIA
ENCADERNAÇÃO
PAUTAÇÃO
DOURAÇÃO